



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Gente Singular

Novelas Eróticas

Maria Adelaide

Ana Rosa



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Gente Singular

Novelas Eróticas

Maria Adelaide

Ana Rosa



Obras completas de M. Teixeira-Gomes

Gente Singular

Novelas Eróticas

Maria Adelaide

Ana Rosa

Volume II

Coordenação

José Alberto Quaresma

Nuno Júdice

Prefácio

Helena Carvalhão Buescu

Imprensa Nacional
é a marca editorial da **INCM**

Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.
Av. de António José de Almeida
1000-042 Lisboa

www.imprensanacional.pt
www.incm.pt
www.facebook.com/ImprensaNacional
editorial.apoiocliente@incm.pt

Reservados todos os direitos,
de acordo com a legislação em vigor.
© José Alberto Quaresma e Nuno Júdice
© 2021, Imprensa Nacional-Casa da Moeda, S. A.



Conceção gráfica
Imprensa Nacional-Casa da Moeda
Revisão
José Vieira
Paginação
Leonel Duarte
Fontes tipográficas
Títulos Tribute | Frank Heine | 2003 © Emigre
Texto Minion Pro | Robert Slimbach | 1990 © Adobe Fonts



1.ª edição: novembro de 2021
ISBN: 978-972-27-2952-9
Depósito legal: 487 388/21
Edição n.º 1024901



Imagem da contracapa: Manuel Teixeira-Gomes (c. 1910), fotografia,
Officinas Photographicas, Lisboa. BNP Esp. N46/cx. 40

PREFÁCIO

Estas quatro obras correspondem ao conjunto mais significativo da segunda parte da obra literária de Manuel Teixeira-Gomes, uma vez publicados anteriores volumes em que se afirmavam as principais características da sua estética: o sensualismo descritivo, a atenção ao pormenor singular, a captação de episódios muitas vezes elaborados como fragmentos autónomos. Todas estas características se consolidam, nas obras agora publicadas, de forma distinta — embora em todas elas possamos compreender o seu alcance e a forma como contribuem para a invenção e o singular estilo de Teixeira-Gomes. Veremos, em cada um dos quatro títulos, de que modo podemos encontrar estes elementos e como eles se combinam para definir uma voz invulgar no nosso panorama literário do início do século xx.

Gente Singular foi publicado em 1909, no final da monarquia portuguesa. Teixeira-Gomes, que viria a ser Presidente da República (o sétimo), entre 1923 e 1925, deixa-se aqui transportar pela sua atenção ao pormenor e à particularidade nos factos aparentemente mais comuns e quotidianos da vida. Assim, a «gente singular» de que fala, e que poderíamos num primeiro momento imaginar como indivíduos extraordinários, apresenta-se, pelo contrário, como conjunto de sujeitos enquadrados em contexto menor, as pequenas ou grandes cidades e vilas, os usos e costumes habituais (e não-habituais!) da sua gente, os campos atravessados pelo narrador e pelas personagens, os lugares de alguns dos seus desvios e especiosidades. São estes os indivíduos sobre quem recai a ideia de «gente singular».

E porquê? O que Teixeira-Gomes propõe é que é nestes pequenos parceiros da vida menor que, com atenção, se podem encontrar características e episódios, que protagonizam, de alguma forma peculiares. Transportando para uma escala maior: não haveria vida alguma em que um olhar atento não viesse a descobrir a agudeza da diversidade e da diferenciação. É pois o seu olhar que nos guia, e a sua fina sensibilidade que nos chama a atenção para as disparidades e estranhezas que passam muitas vezes sem nota. Tais disparidades recebem, em *Gente Singular*, muitas vezes um tom irónico, satírico, ou mesmo cáustico, que não apaga, entretanto, uma empatia infeliz, como no caso da Princesa Venérea, protagonista do primeiro conto. Já na história protagonizada por Leonor, a equívoca mulher que com aparente inocência está na origem do desastre financeiro do protagonista, ou na dos quatro manos que governam o grotesco episódio do conto «Gente Singular», o que sobreleva é a facilidade com que, mesmo a propósito do mais inopinado objeto (uma retrete...) é o episódio inesperado e faceto que se torna relevante: o olhar do narrador sempre perspicaz e sarcástico, que traz à tona as «singularidades» (e recordemos Eça de Queirós, no conto do mesmo nome) de gente aparentemente sem história... («O triste fim do major Tatibiate» ou «Profecia certa».)

Novelas Eróticas (1935), *Maria Adelaide* (1938) e *Ana Rosa* (1941) representam os últimos anos de produção literária de Teixeira-Gomes, desde 1925 já no autoexílio em que viria a morrer, em outubro de 1941, em Bougie (Argélia). O sentimento do esteta que foi Teixeira-Gomes é aqui levado ao extremo, num sensualismo ímpar na literatura portuguesa (mormente quando, na primeira metade do século xx, os tempos iam de feição ora a um intelectualismo modernista, ora a uma visão psicologizante, que o autor de que nos ocupamos também não pratica).

É curioso que a propósito de Teixeira-Gomes por vezes se veja usar o termo «nefelibata», que caracteriza um certo sentido de alheamento da realidade. Curioso porque, na verdade, o que nele se impõe é, pelo contrário, uma atenção particular e sensorial à materialidade pormenorizada das coisas, de tudo quanto existe e toca, por vezes de forma tão vívida, o narrador. É isto que subjaz às novelas que intitulou eróticas, porque o são de facto — e não poderiam sê-lo sem essa prevalência do corpo material que, justamente, está na base da pulsão erótica. Esta pulsão convive, por outro lado, de mãos dadas com a melancolia que a sua memória convoca: o narrador de Bougie recorda os episódios cosmopolitas e eróticos que, na

sua juventude, viveu em Amesterdão; em Sevilha e Córdoba; em Barcelona, no Mar Tirreno e em Itália; em Barcelona e Turim; entre Esmirna e Constantinopla; e, enfim, no «seu» Algarve, que nunca anda muito longe de si. É, assim, um erotismo cuja densidade temporal (antes e agora) permite olhar para o passado como prazer dos sentidos, revivendo-o através da melancolia do presente. Esta situação torna o narrador num espectador contemplativo do seu próprio prazer no erotismo do mundo, representando-o de forma complexa e autorreflexiva. Por outro lado, novelas como «A Cigana» ou «O Sítio da mulher morta» combinam sensualidade, pitoresco e uma curiosa forma de narrativa simultaneamente realista e mágica, se não mesmo fantástica, assim dando conta de uma espessura contrastante a este conjunto de novelas, e mostrando a subtil arte literária do autor.

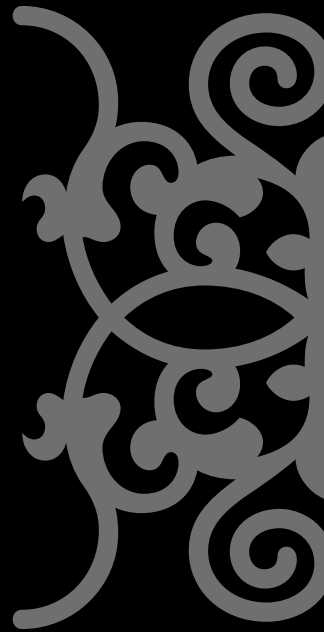
Esta mesma mescla de características tão diferentes e mesmo aparentemente incompatíveis dá o tom, de modo ainda mais intenso, ao romance *Maria Adelaide*. Nele, o narrador, Ramiro d'Arge, apresenta um conjunto de atributos que já vimos serem próprios da escrita sempre liminarmente autobiográfica de Teixeira-Gomes. O deslumbramento com a paisagem algarvia é aqui total, emergindo em curtos fragmentos que pontuam os também muito curtos capítulos que constituem a obra. Esta estruturação dá ao romance um ritmo sacudido, ao surgir como breves episódios de uma linha quebrada que constitui a história que se desenrola: o nascimento, desenvolvimento e cruel morte, aos pedaços (em sentido metafórico e literal), da relação amorosa entre o narrador e Maria Adelaide. Dos primeiros episódios, todos eles centrados no êxtase erótico e amoroso que leva o narrador até Maria Adelaide, aos interregnos que constituem as crises nervosas e as acusações mútuas em que se vão embrenhando, até à dolorosa morte da protagonista e subsequente fascinação erótica do narrador por uma nova e precoce amante, este romance traça uma pequena e invulgar suma dos principais traços da invenção literária de Teixeira-Gomes, bem como do seu estilo apurado. Se ainda houvesse dúvidas, elas seriam aqui apagadas: Teixeira-Gomes considera a prosa de ficção (mas também a autobiográfica) como uma forma quase isenta de moralismos e dos constrangimentos retóricos do romance burguês, na descrição de uma história de amor em que a relação física é simultaneamente o fator desencadeador da história amorosa, mas também o elemento por que cruelmente ela se vai desfazendo. Não há aqui contemplanções relativamente ao emaranhado psicologicamente indecifrável e duro que constitui o ser humano: não é

apenas o narrador que é singular, mas, e como atrás vimos, todos os humanos o são, de uma forma ou de outra.

Esta linha de continuidade prossegue, aliás, na última obra publicada no próprio ano da morte de Teixeira-Gomes, *Ana Rosa*, permitindo assim avaliar a consistência e coesão do seu projeto literário. Na verdade, e muito embora o manuscrito publicado que nos chegou corresponda apenas ao esboço do romance que o autor chegara a anunciar, é admirável a forma como estas poucas páginas representam uma rima e simultaneamente um remate relativamente à inconfundível produção literária de Teixeira-Gomes. Tudo aqui, como na restante obra, aponta para o fazer de um *artiste*, palavra que no léxico da época sublinhava o apurado sentido estético e estilístico que um autor imprimia ao que escrevia, pintava ou esculpia. Teixeira-Gomes é aqui esse *artiste*, comprazendo-se no requinte com que usa a palavra e nos faz imergir, a nós, leitores, diretamente na trama ficcional. Na realidade, os primeiros parágrafos daquele que seria o primeiro capítulo de um novo romance, inacabado como vimos, mergulham-nos numa cena em tudo idêntica à de *Maria Adelaide*: as intensas impressões de um encontro amoroso que acaba de ter lugar, no quarto do narrador. Poderia ser uma cena saída de *Maria Adelaide*. Não o sendo, ela atesta a continuidade de traços inventivos e estilísticos do seu autor, que assim demonstra a persistência de uma imaginação e de uma efabulação em que o sensualismo impera. Ana Rosa é, no entanto, e no esboço a que temos acesso, diferente de Maria Adelaide — e as reflexões que o narrador faz acerca da violência com que consumara (quase como «um estupro») o ato sexual, em contraste com a ternura e a confusão de Ana Rosa, de novo nos remetem para a consciência inteira dos inexplicáveis conflitos que ao humano estão reservados. A impiedosa e autoconsciente descrição que o narrador faz de si mesmo, dos seus ímpetos e desejos, sublinha a forma como Teixeira-Gomes, nas suas últimas obras, alia à sensualidade, sua característica, o impulso reflexivo que, aliás, em muito ultrapassa a dimensão da psicologia (e, em particular, de qualquer hipotética «explicação» psicológica). E o facto de a descrição que temos de Ana Rosa dar conta, na sua brevidade e impossível desenvolvimento, de uma configuração feminina que permitiria abrir para diferentes caminhos romanescos não faz mais do que deixar-nos, leitores, como ao narrador, expectantes face ao que não nos será nunca possível conhecer: o resto da história.

O conjunto destas quatro obras confirma o teor da imaginação literária de Teixeira-Gomes, afirmando-o como o elegante escritor dos sentidos e do prazer, ao mesmo tempo que do deslumbramento das coisas, seres e paisagens e, muito em particular, do «seu» Algarve. Uma sensibilidade vibrante, a sua, aliada a um realismo que nos dá a textura do mundo.

Helena Carvalhão Buescu
Centro de Estudos Comparatistas
Universidade de Lisboa







MARIA ADELAIDE

*Paganisme immortel, est-tu mort? On le dit.
Mais Pan tout bas s'en moque et la sirène en rit.*

JOSEPH DELORME

Um romance não deve ser bem escrito.

PAUL BOURGET

*Aqui vai uma «história» algo extraordinária, tal-qual
(sem tirar nem pôr) a escreveu o meu amigo Ramiro
d'Arge, cavalheiro medianamente culto, mas exuberante
de vida física...*

I

Maria Adelaide completara 16 anos quando lhe colhi as primícias, e, à semelhança do que sucede com frequência na terra onde habitávamos, os pais, que eram pobres, consentiam em que mantivéssemos relações *coram populo*, indo eu todas as noites dormir na sua companhia. Podia tê-la tirado logo à família, montando-lhe casa à parte, mas nem eu nem os pais sentíamos grande desejo de efetuar a separação: eles porque tendo-a em sua companhia melhor lhe exploravam os proventos da mancebia; eu para não dar mais solidez à ligação, esperando vagamente que fosse passageira...

II

Reminiscências do começo:

A minha rapariga estava triste; a mãe tinha-lhe batido, *desonrando-a* de tudo, chamando-lhe os nomes mais feios que se podem chamar a uma mulher. E as suas lamentações não tinham fim:

Ela é que sustentava a família, ela é que pagava as casas e dava constantemente presentes a todos, em especial às irmãs, que também lhe não tinham respeito nenhum, e a mãe ainda por cima lhe batia. E isso é que mais a magoava.

— Estou consigo há tanto tempo (alguns meses apenas) e eu bem vejo como me trata: — olha lá Santo Antoninho que não sei onde te ponha — e a minha mãe bateu-me só porque eu puxei as orelhas à Joaquina (a terceira irmã), que é uma grandíssima atrevida e me arranca os cabelos aos punhados. Se não fosse por atender ao meu pai, que acode por mim, deixava-os a todos. Que se eu estivesse séria, e não brincasse e não risse, já elas todas me tinham respeito. Também hoje, só por teima, não quis deixar de comer e fui cear muito séria. Mas amanhã já eu começo a rir e a brincar com todos e logo me perdem o respeito. Ai! Eu gosto tanto, tanto, da minha Glória (a irmã mais nova); parece mesmo que é minha filha, tão linda, tão limpinha! Eu quero ter um mocinho; faça-me um mocinho, não é verdade? Ah! Se eu tivesse um mocinho, ontem, quando a minha mãe me bateu, vestia-o, que havia de parecer um menino rico, e punha-me na rua sozinha, com ele nos braços. Os dias são tão grandes

e eu ando tão aborrecida! E faço gosto em comer, em rir. Agora a minha paixão são chicharros alimados. Ontem havia chicharros alimados para a ceia; também por isso é que eu fui comer. Mas estou muito triste. Agora já não é tanto, que o meu amiguinho, com as suas festas, quase que me pôs alegre... Mas uma coisa que eu não quero é que a minha mãe me bata; e então pancadas nos braços, murros nas costas. Parece uma fera direito a mim. Mas espera que algum dia ponho-me direito a ela que nem um leão. Custa muito fazer o que eu tenho feito pela minha família e ainda por cima receber maus-tratos e insultos. E diz que a casa é dela, porque ela a arrendou e ela é que vai levar os aluguéis à dona. Já viu isto? E tudo pago com o meu dinheiro; meu, não; seu, porque seu é tudo o que eu tenho. Eu sempre queria ver com os ganhos de meu pai, que neste mês foram um cruzado — ou pelo menos foi quanto ele deu para casa — se haviam de andar todos tão bem vestidos e comidos. Mas eu não posso estar zangada muito tempo e ela já sabe isso. Ontem nem quis pegar na minha Glória à vista de ninguém, mas quando a apanhei sozinha no berço ia-a comendo com beijos. Ah! Não queria senão ter um mocinho, meu...

III

Estas queixas e lamentações pueris repetiam-se diariamente, mas eu nem lhes prestava atenção, e delas zombava, todo embebido na posse do seu corpo, que era admirável e dispensava, para ser adorado, quaisquer enfeites espirituais.

A princípio a inevitável mistura com o resto da família tampouco me impressionava; achava-lhe até certo pitoresco, e, coisa curiosa, foi preciso muito estudo para distinguir ao longe a voz de Maria Adelaide das vozes das irmãs e da mãe, quando a não via e apenas a ouvia. Era uma voz vibrante, com o tom cristalino, que se perdia, ao baixar, em inflexões quentes, moduladas cromaticamente, sem asperezas.

IV

Um dia, porém, Maria Adelaide desabafou, com uma pena que lhe vinha do fundo d'alma, para me dizer que a «desonravam» mesmo na presença do pai, que era um desgraçado, um pobrezinho, que ficava calado e não a sabia defender. Gostava muito do pai, muito; desejava-lhe fortuna, felicidade, tudo quanto fosse bom, mas a miúdo também lhe desejava a morte, só para não haver pé de dizerem diante dele aquelas coisas... E, sempre indignada e desconfiada com todos, e chorando porque um desconhecido, ao passar-lhe em frente da casa, vendo-a à janela, exclamara para a companheira: — «Ah! Ela é sardosa? pois puta e gulosa...»

Mas eu sempre a rir, e como reparasse num quadro novo pendurado na parede, representando um monstro crucificado, no género Senhor de Alvor, perguntei: — E que bicho tão feio é aquele? — ela rindo com os olhos marejados de lágrimas, mas sorrindo já, tapava os ouvidos, corria para a cama e ia esconder a cabeça debaixo das almofadas.

V

Eu habitava ainda então na casa paterna, onde tinha um vasto aposento inteiramente independente, com saída para a rua. Maria Adelaide apeteceu vir visitar-me, o que não fazia havia já bastante tempo. Dera-se ali a nossa entrevista definitiva e sempre que lá voltava era infalível a sua exclamação, embora a rir: — «Foi aqui que eu me desgracei!...»

Encontrou tudo mudado: os móveis noutra disposição e alguns que ainda não conhecia; uma aparatosa estante nova de colunas torcidas; a poltrona «regence» brilhando sob uma réstia de sol em todo o esplendor do seu brocado persa; e no meu quarto de cama a lindíssima papeleira «Luiz XVI», muito vistosa nos seus enfeites de porcelana esmaltada e bronze doirado. Olhava para tudo com um ar de gato que estudava o recinto onde pela primeira vez o introduziram, mas disfarçando mal uma irrefutável expressão de despeito.

Instintivamente comparava o arranjo e qualidade das minhas coisas com aquelas que tinha em casa e reputava formosíssimas: a cómoda de mogno coberta de croché, a cama de ferro pintado, as cadeiras de palhinha frouxa, e sentia-se vexada com a evidente superioridade do meu mobiliário em que só agora reparara miudamente. Começou a mostrar mau humor, buscando, no decorrer da conversa, pequenas contradições que dessem azo a implicação e a queixas. Mas como eu me esquivasse a contendas pouco a pouco se lhe foi dissipando a irritação, pondo-se à vontade; já se sentava nas cadeiras de braços, procurando posições mais cómodas e ia, sem amargura, gabando os móveis, os estofos, as madeiras.

— «Eu também quero uma cadeira assim, lá para a minha casa e hei de tê-la, não é verdade, amigo?, quando tiver uma salinha melhor, porque realmente a minha casa é tão má... E quando mandará o demónio da velha (a senhoria) arranjar a casa? — e inspecionando as paredes — Não é verdade, amigo, que aquele quadro está torto? Pois vai-se já pôr direito. Eu não posso ver, lá em casa, os meus quadrinhos tortos, nas paredes. A sua criada não arranja isto melhor agora.»

E dispunha os trastes com um sentimento de harmonia surpreendente, colocando, ao mesmo tempo, por cima das mesas e das estantes os «bibelôs» de forma a dar-lhes mais valor, mais relevo.

Quis dormir comigo, no meu quarto, e durante a noite acordou-me para repetir: — «A gente também há de ter um dia uma casa muito bem arranjadinha; não é verdade, amigo?, mas com coisas minhas, só minhas.»

E quando se despediu, de manhã, foi novamente inspecionar tudo, percebendo-se-lhe no olhar certa pena de deixar aquele cenário luxuoso, cuja beleza começava a apreciar, porém, boazinha, acrescentava: — «Que eu nunca poderei ter coisas tão ricas, nem quero. Quero que o meu amiguinho as tenha. Lá na nossa casa coisinhas simples e asseadinhas. Dê cá um beijo; outro, outro... Até logo. Vá bem cedo, sim? Adeus...»

Tudo isto era dito sem o mais leve tom de pieguice, com uma naturalidade, uma espontaneidade, que me sensibilizou, e lembrando-me dos seus continuados e justificados queixumes dos pratos que sofria à mãe, e também do que havia de humilhante, vexatório, em sujeitar-me àquela promiscuidade, resolvi separá-la da família de modo que fizesse vida à parte, e logo nesse mesmo dia aluguei uma casa alta, em boa rua, com um grande quintal, destinando o primeiro andar a Maria Adelaide e os baixos à família.

VI

O mês que durou a nova instalação foi encantador. Maria Adelaide transformava-se e assumia uma individualidade que a extremava do resto da família. Mas o arranjo do quintal, onde ela dava largas à sua fantasia, delineando planos de jardinagem e arborização que mal caberiam num grande parque, esse, então foi um poema. Eu ouvia-a embevecido, achando graça em tudo quanto dizia e facilitando quanto podia a realização do seu sonho.

Tão contente andava que não recusou, como até ali fizera, as lições de ler e escrever que eu pretendia dar-lhe. Ela andara na escola mas nem as letras do alfabeto conhecia.

Nessa fase é que lhe descobri o inexaurível fundo de superstição em que a sua alma assentava, e até nisso lhe achava chiste:

Sonhar com flores eram penas remediadas; excrementos, dinheiro certo; as mãos dentro de água, lágrimas, etc.

Uma vez, antes de nos deitarmos, eu queria que se fosse pentear e repartisse o cabelo em bandós, mas ela recusou porque era de noite e não sabia se o pai andava no mar, o que seria de mau agouro. Uma vizinha dos «Fumeiros», andando o marido na lancha, fora da barra, pôs-se a pentear uma noite, e apenas atirava à rua o molhinho de cabelos caídos, vem uma refega de vento que por pouco não mete a porta dentro. Nesse mesmo instante o marido caía no mar e por pouco não se afoga...

Também se não devem despejar os cântaros da cantareira quando há em casa algum doente em perigo de vida. As almas, tão depressa largam

os corpos, e antes de seguir ao seu destino, precisam de água pronta para se lavar, e preferem a água dos cântaros por serem fundos. Outra mulher, também dos «Fumeiros», estando o marido agonizante, despejou, de propósito, a água que havia em casa, deixando apenas uma gota na bacia do lavatório. Morreu o marido e logo ouviu ruído no quarto do lavatório: foi ver e achou tudo em volta salpicado de água, sem que lá estivesse alguém...

VII

A despeito destas credices Maria Adelaide não admitia dúvidas, e se eu delas zombava, a sua testa curta, de cinco pontas, enrugava-se, com uma expressão obstinada que a tornava sombria, opaca, e os recortes perdiam toda a graça como inestético desenho tosco.

Mas eu não teimava. Uma grande ternura me invadia o coração à lembrança de que a pobrezinha sofrera frios e fome, e andara descalça e levara, sem dó, pancadas da mãe, e mais da mestra naquela escola de torturas onde nada aprendera e onde as lunetas da professora, sábia e solerte, a espavoriam. Agora era ela que sustentava generosamente os seus, matando-lhes fomes e frios, e a ternura penetrava-me mais fundo à lembrança dos seus primeiros arranjos, no seu primeiro quarto: a cómoda pobre mas vistosa; a cama fofa, larga e limpa, e

o aroma especial que ali pairava e que era natural do seu próprio corpo, da sua própria carne...

E os pitorescos episódios da sua meninice. A miúdo referia-se a uma rapariga que fora sua vizinha, era muito má e gostava de morder nas companheiras. E contava: uma vez estava ela à porta de casa, a armar uma loja em cima de uma cadeira com muitas coisas já em ordem: conchas de coquinhas, latas velhas de sardinhas, dois fundos de copos, e um grande ramo de loiros, quando eu chego e digo:

- «Francisca, deixa-me brincar contigo.»
- «Se quiseres vai buscar pão...»

Corri a casa:

— «Mãe, dê-me um pedacinho de pão para ir brincar com a filha da vizinha Antónia.»

— «Pão a estas horas, moça? O que tu precisas é de uma data de açoites.»

Volto à Francisca:

— «A mãe não me dá pão, mas tu deixas-me brincar, deixas?»

Mas ela, muito má, responde:

— «Não, não e não; se quiseres traz pão.»

E a mim deu-me logo uma grande raiva; embarco a cadeira com toda a loja e atiro o ramo de loiros para a lama da regueira. Então a moça atira-se a mim e prega-me uma mordedela que me fez ver as estrelas e de que ainda aqui tenho o sinal. Fujo para casa mas daí a nada já ela lá estava com a sua mãe a queixar-se à minha de mim. Tiveram as duas uma assanhada guerreia de língua, mas quando tudo serenou apanhei uma sova de sapato de que me hei de lembrar toda a minha vida...

O que estas historietas me entretinham!

VIII

Arranjou-se o quintal, ajardinando a parte mais desafogada, e em recanto adequado armou-se um galinheiro e a coelheira. E era curioso ouvi-la contar a alguma das poucas amigas que tinha a transformação por que tudo ia passando. Falava com os olhos iluminados, um pouco em alvo, como quando recordava as delícias do último sonho... Porém mais curioso ainda o efeito físico de qualquer desgosto ou pena verdadeira que sentisse: a carne amolecia-lhe logo e parecia desfazer-se; quase que lhe apareciam os ossos esburgados a rés da pele.

Não se descreve a sua alegria quando as podas das roseiras começaram a dar rebentos; a inquietação das noites, sonhando com flores; os projetos de grandes festas, com grinaldas sem conto; presentes de enormes ramalhetes; e com isto a vigilância, a inspeção incessante das folhas que abriam e que ela desejaria trazer contadas: uma loucura, enfim...

E o orgulho com que recebia a gente da vizinhança que pedia licença para visitar o jardim. O jardim! Até o Sr. Ramires, funcionário reformado e personagem importante, que nunca lhe fizera boa cara e sofrera havia pouco um insulto apoplético, até o Sr. Ramires se levantou da cama expressamente para contemplar a maravilha. Adregou encontrar-me no quintal quando ele chegou. Vinha, algo trôpego mas ainda barrigudo, pelo braço da mulher, devagarinho, metido, amortalhado no gabão, olhando o mundo com ar de quem dele se despede, mas como quem lamentasse o mundo pela perda que ia experimentar... Pobre Ramires; que diferença

de quando eu o via, numa varanda de peitoril fronteira, andando com o passo marinho e toda a soberba de quem se julgasse capitão do mundo; e realmente como capitão do mundo passeava, tal como se estivesse de quarto sobre a ponte da nau terráquea...

IX

Chegou, porém, o Carnaval e subitamente Maria Adelaide tudo esqueceu, para só pensar nas brincadeiras e partidas de entrudo. Lamentava que a rua fosse tão larga que não permitia repetir o divertimento favorito das ruas estreitas dos «Fumeiros», que consistia em atravessar, a certa altura, de noite, uma linha de modo que assustasse os transeuntes: a uns caía-lhes o chapéu; outros paravam, com as mãos no ar, à busca de um possível inseto que lhes poisasse na cara; e ela por dentro da janela a espreitar e a rir.

Mas o mais curioso era que o relato das brincadeiras de entrudo vinha-lhe sempre à memória acompanhado da lembrança dos jogos de véspera de S. João e S. Pedro, com o fogo de rabear, e raro era quando lhe não acudia alguma cena triste ou dramática, como o que sucedera com a avó (velha pobre pedinte), morta e estendida no meio da casa de entrada, em cima de uma enxerga, vestida com uma saia de chita nova, comprada com esmolos. Veio uma centelha pelo postigo da porta e foi-se meter na saia da defunta que ficou toda queimada, sendo preciso remendá-la para ir para a cova...

E à medida que se aproximava o domingo gordo a sua excitação crescia de um modo que já parecia loucura: era o dia inteiro a delinear, com as irmãs, embustes e enganifas a pessoas conhecidas e desconhecidas, e logo que a noite vinha ei-la que descia ao rés do chão, onde a mãe recebia máscaras, e ali ficava dançando até tarde.

Isto começou a aborrecer-me, e com grande espanto meu julguei até que me inspirava ciúmes; disse então comigo: espera, que para teu castigo, vou também meter-te um susto; e assim fiz.

Comprei uma data de aranhas negras, compostas não sei do quê mas muito bem imitadas, de dimensões monstruosas, e à noite, perto da hora em que Maria Adelaide costumava vir deitar-se, pendurei umas tantas, por impercetíveis fios de seda, à entrada da alcova; espalhei outra porção por cima da colcha da cama e pelos ferros da cabeceira, e coberta a cara de pós de talco enfeitei-me com meia dúzia das mais gordas e repugnantes. A essa hora sala e alcova só estavam alumadas pela luz frouxa e bruxuleante de uma lamparina, de modo que as aranhas pareciam vivas e moviam-se.

Quando lhe senti os passos na escada compus as aranhas na cara e imobilizei-me. Ela vinha alegre, a cantar, e apenas abriu a porta da sala bradou:

— «Amiguinho, já estás dormindo?» e correu para a alcova, mas tão depressa encarou com o espetáculo da minha face cadavérica, cercada de aranhões, soltou um pungente grito espantoso e caiu, redondamente, no chão desmaiada, com um baque pesado, estrondoso, que ainda hoje me retumba nos ouvidos. Grito e baque soaram no rés do chão com tal estampido que a mãe, e duas ou três amigas que ainda lá estavam de visita, acudiram, espavoridas, a investigar o que sucedera.

Após muito trabalho de socorros caseiros, e quando eu decidira já chamar o médico voltou a si, mas para entrar em convulsões que duraram pela noite fora, quase ininterruptamente, e durante muitos dias seguidos a acometiam com curtos intervalos, apesar das drogas e tratamento rigoroso a que o facultativo a sujeitou.

X

A comoção fora profundíssima e desarranjara-lhe os nervos a ponto de inspirar receios de demência! E que transformação no aspeto físico! Empalideceu até ao tom de cera, a carne abateu-se-lhe mole e sumida, e os olhos perderam o brilho. Pouco ou nada falava e todo o seu gosto se resumia em ter uma das minhas mãos apertada nas suas, ou posta sobre o coração, e se cortava o seu silêncio era para repetir, sem cessar, olhando-me suplicante:

— «Não é verdade, amiguinho, que tu não me queres deixar?...»

Era então amor verdadeiro o que me tinha? O que esta ideia me envaideceu seria difícil encarecer. E os meus cuidados, os meus carinhos recrudesceram, multiplicaram-se, com

o sentimento de que também a amava, não como até ali por mera sensualidade mas espiritualmente pela união das nossas almas.

Os médicos aconselhavam distrações e isso sugeriu-me a lembrança de dar com ela um passeio pela província. Mas que figura faria eu, apresentando-me com aquela criaturinha ao lado, a quem faltava tudo quanto vale na sociedade: instrução, elegância no porte, trato mundano. Decidi, porém, arcar com quaisquer apreensões de ridículo e propus-lhe a excursão. Não se descreve a alegria com que recebeu a minha ideia: logo que começámos a detalhar o projeto transfigurou-se; parecia outra; aflorou-lhe o riso aos lábios e o brilho aos olhos.

XI

Os preparativos para o passeio — viagem lhe chamava ela — deram-nos duas semanas de perfeito regozijo. Aproveitou-se a melhor costureira da terra para arranjar os vestidos, encomendaram-se casacos, chapéus e sapatos de Lisboa, e entre as minhas malas encontrei uma de mão, de coiro inglês, na qual pus as suas iniciais, que ela recebeu como complemento indispensável aos seus afanosos aprestos.

Mas era de ver — e admirar — o jeito, a naturalidade, com que ela entrava no período da elegância e do luxo que este ensejo lhe franqueou: dir-se-ia que nunca trajara de outro modo, e, embora nunca tivesse usado chapéu, a primeira vez em que o pôs e saiu à rua, fê-lo sem nenhum acanhamento nem jactância.

E o que a observação de tudo isto influía no progresso do meu amor! Era então uma mulher apresentável, que nunca me envergonharia diante dos meus amigos; e quando nos pusemos a caminho já todas as minhas apreensões a este respeito se haviam dissipado. Toda a minha pena era não poder — não me atrever — a sair com ela, pelo braço, na minha própria terra...

Não havia dúvida que Maria Adelaide renascera, e até com outro espírito diferente, e uma curiosidade desperta para certos modos de dizer, para certos aspetos da vida, que dantes não tinha. O que ela celebrou uma comparação com que o meu feitor descrevia a cheia: «O rio vem por aí abaixo vermelho como um bezerro e vivo como um sangue.»

— «Desde que mudámos de casa, e ando mais bem vestida — observava — os teus amigos cumprimentam-me doutro modo e toda a gente me trata com mais consideração. Será também porque me mostras mais amor? Mas não; mesmo com menos amor o seu respeito aumentava conforme os gastos que fazes comigo...»

E tornou-se mais incisiva na apreciação de quem lhe mostrava pouca estima. Por exemplo:

— «Aquela galinha (e apontava para uma que passeava no quintal, fugida do galinheiro) sempre é muito presunçosa... Assim como há pessoas há animais! Isso... Vai sempre assim, de galga no ar, olhando a um lado e a outro a ver se a admiram, e em encontrando outra galinha só dá-lhe logo uma bicada. Tal-qual a nossa vizinha, a viúva do Pelle. Não existe mulher mais presunçosa. Aquilo só me falou uma vez, para me pedir aquela flor rara que eu lhe não quis dar; depois nunca mais... Ela, se vai à praça e compra uma couve-flor, ei-la que aí vem rua abaixo com a couve na mão encostada ao peito, como quem trouxesse um rico ramalhete. Se compra um coelhinho, o mesmo: com ele rua abaixo, dependurado, para toda a gente saber que a cavalheira come coelhos. E a cada instante, à porta, a dizer para a vizinhança ouvir: 'Hoje também vou para casa da senhora viscondessa; grande transtorno me causa, com tanta coisa que tenho que fazer, mas ela não pode passar sem mim e mandou-me pedir tanto, tanto... Para ela, viúva Pelle, só o peixe grado é que vale. Vesugo, safios, e mais peixe do covo são *cuspes-cuspes*...'»

XII

Nunca Maria Adelaide mostrara tanta caridade como agora; não queria que pobre algum que lhe batesse à porta se fosse embora sem esmola, conquanto alguns, observava, não precisassem de pedir pois eram sustentados pela família. E citou o caso de um tio velho, já cego, que tiveram em casa e que sabia uma oração tão linda, meu belo filho, tão linda! A oração dos mártírios do Senhor (Dizia isto com a expressão sentida de funda poesia com que eu, por exemplo, então wagnerista fanático, me poderia referir à mais patética passagem do *Parsifal*). Duma vez que ela estava trabalhando em casa da costureira, mandaram-na à porta a ver quem batia: era o velho tio «pedindo alguma coisinha para matar a fome, porque havia já três dias que não comia nada». Ora não havia ainda senão duas horas que o velho jantara, enchendo-se de «baile de roda»...

— «Baile de roda?»

— «Nos Fumeiros chamamos assim às papas de milho, porque estão sempre a dançar quando fervem.»

XIII

Poucos dias antes de partir quase passou o dia inteiro na praia, para se despedir do «nosso mar», e fomos logo de manhã cedo para os lados do Nolasco. Desse dia conservo a recordação tão viva como se fosse ontem. Mas haverá expressões adequadas à descrição de dias tais? O mar, de vaga larga, rebentando sobre os rochedos da costa, enchendo de espuma todas aquelas ruínas de castelos fantásticos, nesse dia mais monumentais do que nunca. Mas foi caindo pouco a pouco e à tarde aparecia calmo, claro e cristalino, todo semeado de leixões multicores. À volta, já quase noite, parámos no convento; o rio, em frente a Ferragudo, era de puro lilás que, por toda a bacia se dissipava em gradações de lilás-azulado, sob um céu de inalterável azul, esfumado de fogo. A serra parecia pegada à vila e soltava as pinceladas de púrpura que engrossavam a poente, e agitavam-se em rede que subia pelo céu.

Perante este espetáculo Maria Adelaide, que vinha falando alegremente, emudeceu; o seu rosto tomou a expressão de êxtase, e de repente, apertando-me de encontro ao seu seio, murmurava-me ao ouvido, como quem diz grande segredo:

— «Que lindo que isto é..., quem pudesse andar vestida com estas cores...; tu até havias de gostar mais de mim...»

Surpreendeu-me deveras este despertar para as belezas do mundo externo, e senti como que um novo laço a prender-nos os corações...

Devíamos partir daí a dois dias, mas o dia seguinte amanheceu de chuva miudinha, sem vento, e assim se conservou até à noite.

- «Tempo holandês — observei — pouco favorável a viagens...»
- Então já não vamos? — acudiu ela em tom consternado.
- «Vamos, sim, parvinha, ainda que chova a cântaros.»

Mas ela não descansava, fazendo promessas aos santos da sua devoção para que o tempo melhorasse, espreitando o céu por todos os lados, e já quase escuro de todo levou-me à varanda para ver as nuvens «que lhe metiam medo». Era num momento de acalmia; a cerca do Colégio estava toda coberta de flutuante e espessa bruma; os ciprestes do cemitério rompiam entre rolos de nevoeiro; e as abóbadas e campanários do enorme edifício que é o Colégio, alumiadas por escassíssima claridade, ondulavam com moleza de panos no fundo algodoento do céu.

— «Não vejo nada que infunda pavor e apostava tudo como amanhã teremos um dia lindo.» Os beijos com que coroou esta profecia

XIV

O meu prognóstico saiu certo e ao dia seguinte pusemo-nos a caminho de Faro com um sol resplandecente em céu limpo de nuvens.

A excursão levou uma semana, por Faro, o Milreu, S. Brás, Tavira e Vila Real de Santo António, onde atravessámos o rio para pisar, durante algumas horas, terras de Espanha: Ayamonte.

Maria Adelaide parecia outra: muito à vontade nos seus vestidos elegantes; maneiras polidas, gestos medidos, falas breves e a propósito, e um sorriso constante que mais lhe iluminava a alegria do rosto sem nada de infantil.

Pelas ruas de Ayamonte choviam-lhe em cima as andaluzas saudações: «Viva tu gràcia» «Bendita sea tu madre», etc., que muito a lisonjeavam... logo que lhes soube o sentido que propositadamente demorei em explicar-lhe.

Os amigos a quem a apresentei olhavam-me com inveja, e por todos os lados homens e mulheres paravam para a ver melhor, não disfarçando a admiração que lhes causava. Em suma foi uma excursão triunfal, e difícil seria descrever o prazer que me deu, junto à vaidade de possuir joia tão rara. Senti que começava a adorá-la...

E mais do que nunca ouvia enternecido as passagens tristes dos seus tempos de miséria e fome, e as referências de episódios dramáticos, que ela contava sem grande consciência do que havia neles de patético, como se fossem correntes e naturais, o que ainda lhes dava um tom mais trágico.

XV

Mas por esse tempo renovou-se com força a sua primitiva obsessão. Tínhamos na sala um fino cromo francês com figuras de crianças nuas, uma das quais, despertando dentro de um ninho, esfregava os olhos com os punhos, muito graciosamente e com todo o caráter infantil. Noutro quadro outras crianças desciam do céu em noite nevada de Natal, para trazer brinquedos, ou para meter brinquedos num renque de botinhas e sapatinhos dispostos e representados, com artístico naturalismo, no primeiro plano da composição. Ela que sempre desejara ter filhos e parecia possuir a ânsia da maternidade exacerbada, começou a atentar nos quadros, levando horas a contemplar as crianças, e fantasiando que tomava uma delas, e tinha-a no regaço nuazinha, e ia-a lavar em água morna, e punha-lhe uns cueirinhos perfumados de alfazema, e depois um vestidinho liso, e envolvia-a numa grande capa bordada, com a sua touquinha de rendas, e dava-lhe beijinhos, muitos, muitos: comia-a com beijos...

E desatou a apoquentar-me deveras para que acabasse com as precauções antiprolíficas e lhe fizesse um mocinho. A princípio julguei-a interessera e aquele desejo, mais do que tudo, obra, inspiração da família para me prender mais estreitamente, ou para depois da minha morte alegar direito a alguma coisa que eu possuísse, mas pouco a pouco, pelas manifestações de maternidade não satisfeita, pela espontaneidade com que ideava carinhos e afagos a imaginárias crianças, que ela embalava nos braços e aconchegava ao peito, oferecendo-lhes, com gestos que pareciam concertados em

moldes pré-rafaelitas, o seio branco de bico rosado, fui-me convencendo de que era realmente e exclusivamente o instinto maternal que a levava a ser importuna.

Ora tudo isto me assustava — horrorizava — prevendo momentos de fraqueza em que, mais tarde ou mais cedo, eu cederia às suas instâncias e imaginando, com a gravidez e o parto, o medonho e irremediável descalabro daquele corpinho efêmero, porém ainda mais, talvez, posto que o fosse de uma maneira vaga, imprecisa, o receio de ser suplantado na sua adoração, tão lisonjeira ao meu egoísmo e à minha sensualidade, por um desconhecido informe e rabugento, uma trouxa de carne, que ainda me havia de estragar as noites com choros e berreiros. Resisti...

XVI

Nesta altura sobreveio na minha vida um acontecimento que me obrigava a ir a Lisboa e ali ficar talvez durante meses. Ora a separação, por um dia que fosse, era sempre trágica. Despedida calada e dolorosa; as faces húmidas de lágrimas em fio, um angustiado desatar de braços que me desfazia o coração...

Essas lágrimas! Quando chorava, quando a pena lhe marejava os olhos de lágrimas, a polpa das faces, que desmaiavam, parecia abrandecer e cavar-se à pressão dos beijos; os beijos eram então mais prolongados, mais gostosos, mais íntimos, deixando-lhe na cara marcas de esmaecido carmim por onde, depois, passada a crise, a vida e a alegria lhe voltavam pouco a pouco ao rosto.

Ao ver-lhe a fisionomia assim transtornada em poucos momentos, mudada a ponto de ser quase impossível reconhecer-lhe nas feições o encanto habitual, compreendia que ela era como certos cantos de paisagem incaracterísticos, mas aos quais a luz do sol dá variedade, tornando-os deliciosos. A tristeza perturbava-lhe a harmonia das feições para as quais a alegria era a luz do sol. Isto me enchia de piedade...

Se ocorria de manhã algum pequeno amuo enquanto me vestia, ela fitava-me atentamente. O seu rosto desmaiava na alvura dos lençóis, e os seus grandes olhos brilhavam na face esmaecida, estrelando-a a mais e mais de luz estranha. Quando, vestido já, eu fazia jeito de me ir embora sem lhe dizer adeus, ela erguia-se subitamente, toda de branco na túnica

que era a sua camisa de dormir, e vinha, lentamente, direito a mim; se eu parava, ela parava também, e, se levava a mão à porta de saída, as lágrimas brotavam-lhe dos olhos. Eu, muitas vezes, não lhe via as lágrimas; porém sentia-as queimar-me o coração. Voltava-me, abraçava-a, beijava-a sofregamente. A polpa das faces punha-se-lhe extraordinariamente branda e fina; as lágrimas caíam-me nos lábios e ela só dizia: «Estou triste, estou muito triste...»

Evidentemente o sentimento que ela me inspirava, e que a princípio nascia da mistura da curiosidade e da sensualidade, ia-se transformando em profundo interesse, em amor, em paixão. Tudo nela me inquietava e comovia: uma dor de cabeça, um leve incômodo de estômago, e então, quando chegava a crise mensal, que era acompanhada de agudo sofrimento, eu andava sobre brasas. Ela fazia tudo para me tranquilizar, e de manhã, quando eu saía, jurava que a dor já passara e decerto não voltava. Mas, ao regressar a casa para almoçar, encontrava-a num molhinho, em cima da cama, sem forma de gente, metida num acervo de saias e xales, de onde emergia o rosto lindíssimo, com três madeixas de oiro soltas do lenço de seda a afagar-lhe a tez, onde a febre punha levíssimos tons de um róseo nacarado, e os olhos desmedidamente abertos, a íris toda comida pela dilatação da pupila, cheios de uma expressão animal, e ainda implorando não sei que perdões, com uma reserva infinita de carícias...

E a ideia de que a ia deixar sozinha, entregue às mágoas e saudades durante meses, apoleava-me. Mas porque é que eu não a levava comigo? As provas dadas pela excursão na província eram concludentes e em Lisboa eu podia arranjar-me de modo que algumas senhoras que eu lá conhecia não dessem por ela; e, quanto aos amigos, era com verdadeiro orgulho que a apresentaria, seguro de que só provocaria admiração e inveja. Acrescia que os médicos, achando-a fraca, aconselhavam distrações e mudança de ares. Decidi-me, pois, a levá-la a Lisboa, e logo que ela soube desta resolução, e se convenceu de que era formal, entrou-lhe no corpo uma alma nova, e dia e noite não cessava de cantar.

XVII

Foi uma nova e radical transformação. Reanimou-se-lhe a veia cômica, que era um dos seus mais característicos predicados naturais, e dali em diante, sempre que eu chegava a casa, não faltavam historietas e relatos jocosos, cujos elementos principais entravam pela porta do quintal que dava para uma rua de gente pobre, onde dia e noite se ouviam despiques e lamentações.

E que tipos lá havia! Um dos principais e mais populares era o Chico Viana, com as suas flores de papel e a sua habilidade de cozinheiro, o seu boleado de quadris, a excessiva abundância de nádegas, parando a todas as portas a trocar segredinhos com as vendedeiras e as criadas de servir. Em casa, porém, sisudo e maternal, tomando conta dos mocinhos, compondo o oratório, armando presépios, e deixando a mulher engordar por absoluta inatividade. E as suas constantes disputas com uma vizinha, a «menina sem gosto», que terminavam invariavelmente por uma gritaria infernal, cada um dos contendores, deitando a cabeça pelo postigo, a clamar:

— «Ouviu, ouviu, ouviu?...»

— «Ouvi, ouvi, ouvi...»

A graça que a Maria Adelaide achava neste final e o jeito com que lhes imitava os modos!

Por essa ocasião quis ela ir em pessoa (para meter o pé na alta-roda) levar o seu óbolo a D. Estefânia Cortês, que presidia uma comissão de

senhoras, recentemente formada, com intuítos de beneficência e eu ri deveras com o relato da visita.

Levaram-na sem demora à sala onde toda a comissão estava reunida, e, recebido o óbolo, sem lhe prestar atenção alguma, continuaram comentando os sucessos do dia, dos quais o principal era o casamento da menina Cartaxo.

D. Maria Vitória (ceceosa) — «Ia muito bonita, a noiva; tenho visto muitas — quantas? — que passam por formosas e que o não parecem nem metade do que ela ia...; o vestido elegantíssimo...»

D. Dores — «Violeta?»

D. Maria Vitória — «Claro; mais branco do que violeta...»

D. Dores — «Mas com o véu pela cara, o que já não se usa...»

D. Maria Vitória — «Não, minha senhora, não. Com o véu por aqui — (traça com os dedos uma curva no alto da moleira) — levantado, muito bem-posto, por pessoa de muito gosto que sabe o que faz; pela própria irmã. Meninas de muita habilidade...»

D. Dores — «Sim?...»

D. Maria Vitória — «Sim, minha senhora, de muita habilidade, como não conheço outras. As duas irmãs é que fizeram o enxoval todo, com bordados como ainda aqui se não viram, e a irmã solteira é que preparou os bolos todos...»

D. Dores — «E a mãe levanta-se antes de nascer o sol para acender o forno...»

Este diálogo inosso era reproduzido por Maria Adelaide sem gestos mas com tais entonações de voz que lhe davam sainete incomparável.

Também lá ouvira a razão por que o «africano» recusara a mão de uma das filhas da Mónica, com a qual a Carroça pretendia casá-lo: foram dizer ao homem que elas eram muito beatas, pequenas e redondas, que pareciam umas couvinhas, e isso bastou.

Outro episódio da rua dos pobres: a Faísca, a Torres e outras damas do mesmo jaez, reuniram-se à espera de que passasse uma «serenata» de que fazia parte o marido da primeira. Nisto, quando deram 4 horas, viram entrar um homem para a casa da Coxa — a da perna de pau — cujo marido estava de serviço na «bicha» da alfândega, à «ponta da areia». Fingindo que nada viram, puseram-se de espreita, deixando frestas abertas nas portas e janelas. Cerca de uma da madrugada ouviram abrir a porta da Coxa e esta sair à rua para despejar uma bacia de água, tudo com cautela e de

mansinho. Não tardou que o visitante saísse e depressa se fosse pela rua acima. Mas elas, todas em coro, romperam clamando — «Pum, pum, pum, lá saiu o rato. Pum, pum, pum...» — com uma assoada tremenda. Porém a Coxa, muito senhora de si, quando a assoada parou, voltou-se para elas e em tom de profundo desprezo: — «Já uma pessoa não é livre de receber o próprio irmão sem que estas porcas tenham alguma coisa que dizer...»

XVIII

Todos estes contos, porém, começavam já a enfasiar-me e, pior ainda, as irmãs iam-se-me tornando insuportáveis. Elas eram muitas, como disse, de tipos diferentes, mas de assinalada parecença (além do ar de família) e embora bonitas desagradavam-me como se trouxessem a desfiguração abusiva das feições da minha rapariga, influenciando no amor que lhe tinha, pois vulgarizavam-lhe a fisionomia e até certo ponto descaracterizavam-na. Poucas vezes as via, mas ouvia-lhes as vozes no quintal, os risos, as cantigas. Tudo isto apressou a minha partida para Lisboa, de onde eu resolvera dar ordem ao meu feitor para que lhes procurasse casa à parte, sob o pretexto de que precisava utilizar-me do rés do chão.

Mas eu sentia que o meu amor aumentava, e considerava com certa apreensão as provas porque a minha vaidade ia passar, se a minha amante não colhesse em Lisboa os aplausos e tributos que eu julgava devidos à sua formosura.

Os aprestos da partida foram mais longos do que eu previa, graças à inexperiência de Maria Adelaide, e ocasionaram várias disputas, mas quando isso sucedia e nos amuávamos, e eu ficava algumas horas aborrecido ou irritado por sua causa, as reconciliações faziam-se com a efusão de quem tivesse passado longos meses de ausência e morresse de saudades.

A demora na partida também lhe atormentava os nervos, e eu observava que à menor contrariedade, com a mãe ou as irmãs, os seus olhos, no calor da ira, acendiam-se e reluziam, como duas brasas de carvão ao sopro do fole...

XIX

Entrementes o fotógrafo trouxe-lhe dois retratos (os primeiros que tirara) mas um deles tão mau que a deixou indignada, sem, no entanto, se atrever, como eu lhe aconselhava, a destruir aquilo «que custava tanto dinheiro», e talvez também — de quando em quando enchia-me de carícias e beijos para impedir a sua destruição, se eu lhe falava em rasgar — com dó de desfazer o que trazia ou o que melhor ou pior lhe reproduzia o rosto, mas por fim roubei-lhe os dois retratos e no escritório rasguei-os.

Os bocados da face, as feições mutiladas, que apareciam durante a operação, apertavam-me o coração como se estivesse praticando um ato criminoso...

Para mais assinalar esse dia lembro-me que ao terminar a operação um vizinho meu, grande proprietário, que me procurara para me encarregar de uma comissão na capital, teve uma curiosa comparação. A chuva era já indispensável para as sementeiras que estavam lindas mas iam-se definhando. Porém o tempo mudara; havia dois dias que soprava vento do mar e a capitania içara o sinal de tempestade. No entanto, e mau grado a tanto prognóstico, a chuva tardava e dizia-me o lavrador: isto trazia-o febril «como quem tomou uma purga enérgica e vê passar o prazo razoável de produzir efeito...»

Chegou a hora da partida... O dia decorreu com intermitências de sol e de nuvens; a tarde sem acentuado caráter mas calma, e ao passar a ponte os olhos não se me despegavam dos lados da barra onde as rochas reverberavam sangue do pôr do sol.

XX

O meu correspondente em Lisboa arranjara-me um aposento em casa de uma viúva, que recebia hóspedes e morava a S. Pedro de Alcântara no último andar do palácio Ludovice. Bela instalação e, das janelas, belíssima vista abrangia toda a tumultuosa parte oriental da cidade, a bacia do Tejo e a outra banda.

Maria Adelaide estava louca de alegria, não cabendo em si de contente, e tão expansiva que parecia uma criança, querendo «saber tudo» (dizia ela) quanto respeitava à cidade, para depois contar às irmãs. E o melhor foi que a nossa hospedeira deu-lhe para simpatizar com aquele feitio, e vinha a miúdo ao nosso quarto para lhe explicar que sítios eram aqueles que a vista da janela abarcava. Depois ofereceu-se para a guiar nalgumas compras, de que ainda precisava para «afinar» o vestuário.

Maria Adelaide tinha em Lisboa algumas parentas que nem de vista conhecia, e entre elas uma tia-avó, que estava empregada na fábrica de Xabregas e morava a Santa Apolónia, a qual, depois de mirar muito bem mirada, abraçou a sobrinha com exuberância excessiva e prometeu levá-la a casa das filhas e de outras pessoas afins.

Com estas visitas, a escolha de modas, etc., levou Maria Adelaide os primeiros dias muito entretida, deixando-me inteiramente livre para me encontrar com alguns amigos mais ou menos chegados à literatura e que me puseram ao corrente do aparecimento de novos «génios», comparecendo, depois, com frequência ao nosso jantar no «Tavares» onde tomávamos

as refeições. Era nesse tempo o «Tavares» talvez o melhor restaurante de Lisboa: cozinha excelente e vinhos e licores como nenhum outro os dava mais finos e escolhidos, e que os meus amigos festejavam jubilosamente, demorando-se pela noite fora a dissertar sobre letras e artes. Maria Adelaide, naturalmente, não entrava na conversa, mas sempre calada arranjou um sorriso que parecia acompanhar com interesse e inteligência os conceitos fantasistas, e a miúdo absurdos, que os meus amigos emitiam; e isto sem dar o mais leve indício de fastio ou cansaço.

Todos lhe admiravam abertamente a formosura e a elegância, e no meio acanhado que é a nossa capital em breve correu fama de que eu possuía uma autêntica maravilha.

XXI

No entanto, como a situação de amancebado me colocava mal para a frequência das famílias regularmente constituídas, a nenhuma daquelas das minhas relações dei sinal da estada em Lisboa. Um dia, porém, cruzei-me na Rua do Alecrim com a minha amiga de infância, D. Laura da Nazaré Girão (a célebre pianista amadora) a quem tirei o chapéu mas que, sem quase corresponder ao cumprimento, hesitou e parou como que a examinar a minha companheira. E ao dia seguinte enviou-me um bilhete, felicitando-me «pelo tesouro que encontrara, mas cuja guarda não era razão bastante para votar ao desprezo as mais antigas e fiéis amizades».

Fui sem demora agradecer os cumprimentos, mas à hora que tinha quase a certeza de não a encontrar em casa. Assim sucedeu, com efeito. Deixei cartões e julgava-me desembaraçado daquele empecilho quando oito dias depois recebi o convite para assistir a um concerto dado em sua casa com a assistência e colaboração do afamado «virtuoso» húngaro Zakany, que eu nunca ouvira e tinha realmente grande desejo de apreciar.

Aceitei, dando conta do caso a Maria Adelaide que, mostrando-se muito surpreendida, observou:

— «Mas então terei de passar todo o serão sozinha... E a que horas acabará o concerto?»

Para a tranquilizar assegurei-lhe que, fosse qual fosse a duração, às 11 horas eu estaria já de volta. Ela nada mais disse, mas notei-lhe no rosto

não sei que expressão de desconfiança que me aborreceu, acudindo-me ao espírito, pela primeira vez, a reflexão de que não era livre para dispor de mim algumas horas sem licença da minha amante.

XXII

Assistindo ao concerto havia bem meia dúzia de senhoras que me conheciam pessoalmente, e cada uma delas, parecendo obedecer a um *mot d'ordre* nas saudações que me dirigiam, fez claras e irónicas alusões ao meu «terceiro estado», e aos raros dotes físicos e espirituais da minha companheira.

Também lá encontrei dois antigos condiscípulos, irremediáveis boémios de temperamento, com os quais, acabado o concerto, saí a dar uma volta pela cidade, e volta foi ela que já era quase manhã quando cheguei a casa.

Maria Adelaide esperava-me sentada na cama, lacrimosa e trémula, vendo-se assim claramente que nem tentara dormir. Poupou-me a recriminações mas os seus beijos foram frios e fugitivos.

Sucedeu logo depois receber carta de uma antiga amiga, que vivia também no «terceiro estado», e soubera por um dos boémios o meu endereço, manifestando o máximo desejo de me «abraçar para o que me esperaria daí a dois dias perto da estação de Alcântara às 10 horas da noite». Ajuntava que era essa uma «ocasião única» pois o amante, ciumento como Otelo, não a perdia um instante de vista e regressaria sem demora da viagem que por motivos de negócio fora obrigado a fazer à província.

Eu conservava desse antigo amor recordações vivíssimas, que me atearam no corpo e na alma o desejo ardente de a tornar a ver, e não houve raciocínio nem consideração de espécie alguma que me demovessem de ir à entrevista. Lembra-me que até para rebater a ideia de que era um passo

inútil e perigoso, a que eu nenhuma necessidade tinha de me arriscar, farto e satisfeito como andava com os encantos de Maria Adelaide, me acudiu à mente ou evoquei o prolóquio popular: «nem sempre galinha nem sempre rainha».

Mas que desculpa dar à minha amante? Depois de muito matutar resolvi com um dos boémios que ele viesse procurar-me em nome doutro amigo moribundo e que ansiosamente desejava despedir-se de mim. E assim se fez. Quando jantávamos ele veio ao «Tavares» com o recado, e depois de acompanhar a Maria Adelaide a casa parti, alegre como um colegial em férias, para Alcântara onde a minha fada me esperava já.

Não fizera mudança alguma durante os anos em que nos não víamos, e embora fosse mulher de mais de trinta conservava a frescura que é o apanágio da adolescência feminina. Com isto uma profunda experiência amorosa, servida por um temperamento férvido...

Mas não tínhamos refúgio a que nos acolhêssemos e chuviscava. Era-lhe absolutamente vedado levar-me à sua residência, e eu não sabia de casa alguma hospitaleira «de passe» no bairro de Alcântara que nos conviesse. Resolvemos pois arrostar com as intempéries e buscando a solidão metemo-nos pela doca, seguindo o dique que a fecha do lado do mar.

A certa altura topámos com um guarda da Alfândega, a quem disfarçadamente pedi informações topográficas, que ele deu com abundância e precisão, observando que deveríamos ter cuidado com a parte iluminada do dique, onde nos podíamos encandear e escorregar para o rio, o que já não era a primeira vez que acontecia. Com efeito, no dique e a curtas distâncias havia uns potentíssimos focos giratórios de luz elétrica que cegavam, e logo à entrada, se não levasse a minha companheira bem segura pelo braço que lhe passara em volta da cinta, ela teria rebolado para o rio...

Porém todos estes riscos, e a impertinência da chuva que aumentava, não nos impediram de passar duas horas de delícias, e quando saímos da doca já não encontrei carro para Lisboa, sendo portanto obrigado a regressar a pé. Imagine-se como eu chegaria a casa, extenuado e coberto de lama...

XXIII

Maria Adelaide esperava-me em cima da cama, toda feita num molhinho, mais chorosa e trémula do que da primeira vez em que eu tardara, mas agora lamentando-se e recriminando-me. De repente, reparando na lama que me cobria os sapatos e salpicara o fato, exclamou — «Por onde é que tu andaste que vens nesse lindo estado?...» — E entre choros contou que debalde tentara dormir, pois logo que fechava os olhos via umas luzes fortíssimas, que tudo incendiavam, e eu a querer soltar-me, sem poder, das suas chamas.

O que ela me disse deixou-me estupefacto e... indignado. Abriu-se-me no espírito uma perspetiva tremenda de sujeição àquela vigilância de histórico-telepatia (assim a classifiquei com os meus botões) a que seria impossível escapar, e aí ficava eu impedido de dar um passo de que Maria Adelaide não tivesse conhecimento e apreciasse a intenção e o sentido.

Evidentemente exagerava, mas por mais diligências que fizesse para me soltar de semelhante rede, invocando os recursos do raciocínio, sentia-me enleado, cerceado no melhor da minha liberdade, do meu livre-arbítrio.

Como sair de tão apertado e ridículo impasse? Pela violência? Pela diplomacia? Entretanto decidi que na seguinte noite não voltaria a casa antes de amanhecer, e assim o fiz, vagueando, sozinho porque não tive a sorte de achar companheiro idóneo, embora me sentisse morto de fadiga.

Tomei o primeiro almoço num café da Praça da Figueira e depois de várias voltas pelo mercado, entretido a reparar nas artimanhas dos

vendedores de ambos os sexos, pus-me vagorosamente a caminho de casa, onde encontrei Maria Adelaide de médico à cabeceira, clamando pela morte. Contou-me então a hospedeira que pela volta da meia-noite Maria Adelaide começara com faniquitos, e ataques nervosos de tal modo intensos, que a tinham assustado deveras, obrigando-a — e dizia isto com um sorriso que me pareceu escarninho — a recorrer ao auxílio da ciência...

— «Pois a ciência que lhe sirva...» — exclamei furioso, dispondo-me a voltar para a rua; e pegando no chapéu, sem proferir mais palavra, enfiei pelo corredor que leva para a escada cuja porta ainda cheguei a abrir. Mas D. Filomena — assim se chamava a minha hospedeira — que me seguira precipitadamente interpôs-se, e pegando-me num braço com doce violência me arrastou para a sala, dizendo:

— «Ora venha cá e não seja criança... Desculpe que lhe fale assim, com esta familiaridade, mas o caso não é para menos, pois da forma como terminará este lance talvez dependa a felicidade do casal e eu sinto grande interesse pelos dois, cuja desavença me causa muita pena.»

D. Filomena, graças ao seu ar respeitável, e às curiosas sentenças que emitia quando se falava de «amor» (de que devia possuir experiências sem conto) figurava-se-me, desde que a vira pela primeira vez, uma personagem do Camilo, e isso dava à atmosfera espiritual que a cercava um sabor romântico que não era desagradável.

Entrados à sala, e depois de me instalar no sofá arranjando as almofadas de modo a acomodar-me bem, e com expressões de verdadeiro carinho, começou a sua prédica.

Tais considerações me fez sobre as qualidades físicas e morais de Maria Adelaide, apontando ao mesmo tempo a sua inexperiência e incapacidade de fingir, além do verdadeiro e entranhado amor que me dedicava, que eu fui abrandando manso e manso. Teve uma observação que, por judiciosa, nunca mais me esqueceu, para provar a sinceridade ingênua com que Maria Adelaide procedia.

— «Outra fosse ela — dizia — e em vez de lágrimas e lamentações só mostrasse frieza e desdém» — e acrescentou: «A intenção de certas mulheres de nos dominarem inspirando-nos piedade, é contraproducente, e só revela inexperiência; piedade significa superioridade enquanto que amor significa sujeição, obediência. Em vez de inspirar piedade, a mulher hábil e experiente tenta atizar de modo eficaz o amor que esmorece ou vacila.»

Enfim, quando terminou a sua prédica já eu estava decidido à plena conciliação, e se alguma coisa anuviava o horizonte era o vago receio de que Maria Adelaide a não aceitasse tão cabal como eu desejaria. Isso, porém, não sucedeu assim. Quando voltei ao quarto ela esperava-me de braços abertos, como se o êxito da pregação de D. Filomena se lhe tivesse afigurado infalível.

O médico que a examinara achou-lhe o coração fraco e declarou-a neurasténica, recomendando muito sossego de espírito e que evitasse comoções e cansaços de qualquer ordem, em vista do que, e de concerto com D. Filomena, resolvemos que ela ficasse uma semana em casa, a tomar drogas receitadas pelo esculápio e em rigoroso regime alimentício.

XXIV

No restaurante os meus amigos mostravam o máximo interesse por notícias da sua saúde, fazendo votos para que ela pudesse comparecer depressa às refeições, pois na sua ausência tudo parecia triste e sombrio. E era verdade. Embora ela nunca sáísse da sua impenetrável mudez, bastava a presença do seu rosto lindo e sorridente para animar o quadro e a mim, especialmente, a vaidade de possuir tal prenda, que toda a gente admirava e sem dúvida invejava, exacerbava-se com a sua exposição ao público.

Maria Adelaide, por seu turno, todos os dias pedia informações do que ali se passava, designando cada um dos meus amigos pelo seu nome, e referindo-se aos seus defeitos físicos e intelectuais com uma intuição do cómico para surpreender em cérebro tão pouco culto.

Dois ou três dias depois da crise, aludindo ao que se passara no restaurante durante a última refeição noturna, falei-lhe de um jornalista que lá aparecera, famoso em todo o norte do país onde o tinham na conta de arguto filósofo. Era um personagem grotesco: a cabeça enorme; olhos piscos e ramelosos; rosto de pele encarquilhada e glabro; e cofiando sem cessar um imaginário bigode com as unhas de luto, franjadas de espigões...

Este retrato interessou-a deveras, despertando-lhe intenso desejo de ver o original, e como eu não soubesse se ele demoraria em Lisboa, Maria Adelaide decidiu abreviar o seu encerro, e no dia seguinte já me acompanhou ao restaurante, onde foi muito festejada, o que visivelmente

a sensibilizou. Apresentei-lhe o filósofo que, sem mais preparo, lhe desfechou uma pergunta:

— «Não é verdade que adora romances do Júlio Dinis?»

Como de costume Maria Adelaide, antes de responder, lançou-me um olhar interrogativo e eu atalhei para dizer:

— «O que ela prefere é a ‘Princesa Mangalona’ e o ‘Carlos Magno’»...

Risada geral, que a escandalizou, levando-a a protestar com força, afirmando que era mentira o que eu dizia. O filósofo, porém, aproveitou a deixa para nos pespegar uma longa e pesadíssima dissertação sobre literatura popular e lendária, gorando-nos assim o prazer que o reaparecimento de Maria Adelaide causava.

XXV

A crise passara sem deixar vestígios aparentes, mas no convívio habitual, íntimo, eu sentia em Maria Adelaide não sei que misteriosa reserva, como se no fundo da alma lhe tivesse ficado uma indelével sombra negra. Já não falava com a mesma espontaneidade e franqueza, nem tinha os assomos de ingénua alegria que tanto a assemelhavam a uma criança, caindo a miúdo em meditações que pareciam, pela melancolia que se lhe refletia no olhar, jogar com lembranças patéticas. Tornou-se especialmente notável a desconfiança com que encarava as outras mulheres novas e bonitas, sendo já certo que se alguma ou algumas havia no restaurante, à hora das nossas refeições, ela quase que não tocava nos pratos que lhe serviam, apesar das minhas carinhosas instâncias.

Mas o bonito foi quando D. Laura Girão lá apareceu e eu me levantei para a ir cumprimentar. Deu-lhe um ataque de nervos tão forte e ruidoso que tiveram de a levar para um gabinete interior, onde eu logo acudi no intuito de a apaziguar.

Poucos dias depois a minha amiga dos lados de Alcântara também veio almoçar ao «Tavares», e embora na companhia do amante começou a dar-me sinais com os olhos, indicando que me queria falar, e levantou-se para ir «lá dentro», onde eu tive a imprudência de a seguir. Maria Adelaide, porém, foi-nos sem demora no encalço, apanhando-nos em flagrante de conversa, quando a outra, justamente e em tom entusiástico, louvava a sua formosura, felicitando-me por

ser possuidor e senhor de tão rara prenda. Novo ataque de nervos que exigiu a intervenção de um médico.

Dali por diante as refeições em público tornaram-se intoleráveis.

Mas a verdade é que muitas senhoras lá iam para conhecer Maria Adelaide, e entre elas não foram poucas aquelas que eu encontrara no concerto de D. Laura e que se punham a estudar a minha amante como se fosse um objeto de arte. Por fim eu próprio propus que mudássemos de restaurante, mas Maria Adelaide atalhou para declarar perentoriamente que não valia a pena, pois o que nós precisávamos era de voltar quanto antes para a nossa casa, e que se eu não quisesse ir ela iria sozinha. Tal declaração deixou-me estupefacto; porém,

o amor que eu lhe tinha estava ainda muito vivo para aceitar a separação e concordei em que partiríamos daí a uma semana.

XXVI

Partimos com efeito, mas esses últimos dias de Lisboa passei-os sem nítida consciência do que fazia, atordoado e ouvindo sem cessar uma voz que do fundo da alma me segredava: «já não tens então vontade própria? quem manda agora é essa mulher; perdeste completamente a liberdade...» E essa voz acompanhou-me pelo caminho, exacerbando-se em tons de raiva quanto mais nos aproximávamos de casa, e explodindo logo que lá chegámos nesta frase proferida com notas de clarim:

— «Agora vê lá o que fazes; se não acabas com os teus caprichos sou eu que lhes ponho ponto deixando-te para sempre... para sempre; ouviste?»

E enquanto falava, de tal modo lhe ia apertando os braços que lhe rebentaram as lágrimas, e após alguns soluços perdeu os sentidos. Isso, porém, não me comoveu; estendi-a em cima da cama, chamei pela mãe a cujos cuidados a abandonei, e pus-me na rua, leve como um pássaro, para só voltar muitas horas depois.

Mas essas horas de liberdade foram envenenadas pelas perguntas, que toda a gente me fazia, sobre a saúde da «menina», da «senhora», da sua «rapariga» (cada qual empregando a designação mais em harmonia com o respeito que ela lhe merecia) — «que ao que parece, passou muito mal em Lisboa e vem tão mudada que ninguém diria que é a mesma». E com ar confrangido alguns acrescentavam: — «É pena, pois na vila não havia cara mais linda» — e muito confidencialmente o boticário comunicou-me que a família de Maria Adelaide espalhava por toda a parte que em Lisboa

eu lhe dava maus-tratos, abandonando-a dias inteiros, no cacifo onde a metera, em companhia de uma velha alcoviteira, enquanto que eu corria pelos teatros e restaurantes caros com mulheres de má vida, minhas antigas relações do tempo de estudante.

Pode calcular-se em que disposição de espírito eu voltaria a casa! Ela lá estava, feita num molhinho, ao canto da cama, e se para ela olhei foi somente para verificar que estava realmente tão abatida e transfigurada que não parecia a mesma. Ela pertencia a esse género de criaturas impressionáveis, a quem as feições se transtornam ao mais pequeno desgosto e só uma grande alegria consegue restituir os encantos primitivos.

Mas pela noite fora um fundo sentimento de piedade me invadiu o coração, e mesmo às escuras a puxei para o meu lado, beijando-a e acarinhando-a, sem dizer palavra, até que ela adormeceu.

No entanto a impressão que prevalecia era de que eu estava à mercê das suas fantasias, tolhida por completo a vontade própria, e incapaz de reagir, sendo baldados quaisquer esforços para desfazer esse abalo, essa moessa, que de ali em diante a mais e mais se acentuou.

XXVII

Eu nunca tive queda para a literatura, e se em tempos de estudante publiquei um livro de poesias foi por mero espírito de imitação: «todos os meus companheiros de ‘república’ faziam versos». De resto a minha obra teve o êxito que merecia a sua evidente mediocridade, não levantando na imprensa eco de espécie alguma: nem louvor nem censura. Abstive-me de reincidir, resistindo até à tentação de procurar na prosa a glória que o verso me negara. Grande foi pois a minha surpresa quando na crise de inquietação e estonteamento provocada pelo procedimento de Maria Adelaide, me assaltou o desejo de fixar em notas as sensações mais vivas que experimentava, fossem ou não ligadas às fases da crise. Desse modo, pensava eu, talvez até consiga penetrar e explicar o estranho estado de espírito em que me encontrava, e assim fiz, mas sem ambição alguma de produzir aquilo a que se chama um diário, e omitindo até, na maioria dos casos, as datas dessas notas.

Do grosso caderno onde sepultei as minhas reflexões vou eu extrair agora aquelas que julgo mais pitorescas, e bem assim as referências aos factos mais intimamente ligados como desdobrar da minha vida de então.

Como introdução: — «Amiguinho — dizia-me ela uma vez — não é verdade que para os pobres todas as alegrias são roubadas?»

Segue o respigo:

Tem-me entretido imaginar no espantoso temporal que tudo açoita há já quatro dias; uma espécie de luta travada entre o vento e a chuva. Seco,

destemperado, o vento uiva, ronca horrivelmente; abate um pouco se a chuva o abafa. Tal um gigante que intenta libertar-se do grande peso que lhe cai nos ombros, e resiste, e levanta-se, mas por fim sucumbe, confunde-se com a terra, fica esmagado e desaparece sob a chuva torrencial. Há nisto certa semelhança com a batalha que travo há já uma semana, para acabar com a minha escravidão, e que desfechou resignando-me...

Uma pobre mulher, à porta da rua, para uma dama toda séria, que ao passar olha muito para o interior da casa: — «Há certa gente que se não leva as casas nos olhos é porque não pode...»

Não destrinço a psicologia do caso, mas eu muitas vezes nem na lembrança quero levar a imagem das casas onde mais gozei: secam-se-me subitamente as afeições sem que nada fizesse prever esse desfecho; despegam-se-me como um cafelo da parede...

À Maria Adelaide, na sua vida enevoada, abriram-se-lhe agora uns dias iluminados: foram os dias da feira. Não que lhe agradasse a exposição em que andava, nem os gabos de que era alvo, mas passando pelo canto dos ourives, onde geralmente a Augusta (a sua rival mais detestada) estacionava num círculo de amigas, sentia-lhe no olhar o despeito de a encontrar bonita e elegante, o que lhe amimava a vaidade. Isso, junto à alegria da feira, naqueles dias de sol acariciador, quase lhe restituíram a sua antiga disposição de espírito. Para coroar a festa a Sr.^a D. Bernarda Mendonça (dama considerada, casada e rica) com quem não tinha relações pessoais, mandou-lhe «oferecer a casa», que pouco distava da nossa, para onde se mudara. D. Bernarda era de uma avareza proverbial; exemplo: tinha duas filhas, mas nunca lhes comprava mais do que um único chapéu, e quando faziam alguma visita que exigia aquele ornamento, ia primeiro uma com a criada, que voltava a casa com o chapéu para levar a outra...

Depois da feira o médico encontrou melhoras sensíveis no estado de Maria Adelaide. Com efeito o aspeto é outro e até parece mais linda, agora, como está; emagreceu, afinaram-se-lhe as feições, amaciou-se-lhe o olhar... para os outros, que para mim conserva a expressão de desconfiança.

E havia um sujeito que lhe rondava a porta, evidentemente no intuito de a namorar. De tarde, quando ela costumava pôr-se à janela, ele era infalível a passear na rua, provocando o riso em quem nele atentava, pois

tinha um físico grotesco: despropositadamente gordo via-se de longe aquela ambulante mole adiantar-se aos saltos curtos, com a elasticidade de um tonel sobre dois pés de borracha. Às minhas observações de mofa Maria Adelaide retorquia invariavelmente com esta frase: — «É para que saiba que eu ainda não estou tão desprezível que não haja quem me queira.»

Não tornou a manifestar claramente o desejo de ter um filho, mas eu sentia-lho vivo como dantes. Uma vez que estávamos ambos à janela, sucedeu que um mocinho pequeno, filho da vendedeira vizinha, saiu para a rua, descalço, com o passo hesitante, a querer apanhar uma apara de cortiça que remoinhava ao rés da terra, mas estacou, embaraçado com o vento que era rijo, e ficou parado, bamboleando-se, a cabeça muito grande coberta da seda loira dos cabelos que o vento agitava, e cujas pontas desiguais refulgiam ao sol, aureolando-a. Maria Adelaide ficou muito tempo enlevada nele, e em vez de responder ao adeus que a criança lhe fazia, voltou-se para dentro, abaixando a cabeça de modo que eu lhe não visse as lágrimas e foi-se embora a soluçar. Esta pena, este desejo, esta ambição — porque isso mais do que tudo me parecia — de me prender ainda mais com um filho irritava-me; e ofendia-me a suspeita de que atribuindo-me a causa da sua esterilidade o fizesse com algum sentimento de desprezo.

Ontem deu-me um fundíssimo acesso de melancolia com estrias de fel; vieram-me às ondas as lembranças — as saudades? — das passagens perversas da minha vida, onde mais tristeza houve e mais risco: divagações noturnas, encontros sinistros, avenidas desertas das grandes cidades, cais profundos em volta das docas onde a água morre silenciosamente. Hoje a melancolia, embora de natureza diversa, aumentou de intensidade: uma lástima, uma compaixão, ao escutar os gemidos dolorosos da minha rapariga quando se queixa e chora; os «ai meu Deus!» soluçados com revessa de insondável dor, e a indiferença que me limpa o espírito (como cai e deposita a areia revolta no fundo da água que parecia turva) e me deixa pena de não poder «sentir», e um grandíssimo desejo de amar sem poder ou sem saber a quem...

Um nosso vizinho da porta do quintal, o Bernardo João, marítimo, alcoólico, e já três vezes operado do cancro no beço, quando se convenceu

de que não tinha remédio, começou a privar-se de tudo (de comer e até de beber) só para juntar o que podia, arrecadando as esmolas da família e de estranhos, no intuito de deixar com que lhe fizessem um enterro decente. Quando ele morreu Maria Adelaide sonhou com o seu próprio enterro, chorando por ver que era tão pobrezinho, e de manhã, num acesso de ternura, suplicou-me que se morresse antes de mim, lhe fizesse um «bonito enterro e com música...» Levou a «caquear» nisto vários dias. Para se consolar evocava a lembrança do único trecho risonho da sua vida (o começo da nossa união) cujo final era tão amargo, dizia, e a propósito acudiu-lhe uma bonita comparação: sentia-se tal-qual uma prisioneira, que se iça com perigo de vida à estreita claraboia por onde entra o ar, para rever a acanhada nesga da paisagem que de ali se enxerga... Isto quase que nos trouxe meio reconciliados durante algumas semanas...

Mas um dia de vento levante que a tornou mais nervosa e implicativa do que o costume, precipitou a explosão da crueldade que eu sopeava a custo e ficámos novamente como cão e gato. A influência do levante na vida das famílias algarvias!

A doce natureza algarvia! Quantos tipos não conheci, de sentimentos ferozes, que se deitavam anarquistas, niilistas implacáveis, após o dia de duro trabalho e mal esfriando nos trapos suados da caminhada pela noite, nos atalhos pedregosos, direito ao «monte», onde a ceia que os esperava era pura burla! Deitavam-se assassinos, mas abrindo os olhos ao despertar, no encanto do azul da manhã, da frescura das vinhas, da copada magnificência das figueiras, enternecidos, inconscientemente gratos ao gozo de viver, voltavam pacificamente ao trabalho, sem mais imprecações nem desesperos.

E com isto, altamente pitorescos nos conceitos. Lembra-me agora que falando, há dias, com o meu afilhado José Rosa, marítimo de alma e coração (e que também vive mal com a mulher) cáímos na crítica que nos merecia em geral o sexo chamado frágil, e no decorrer da conversação, referindo-se a uma dama que no ano passado aqui viera tomar banhos do mar, e entrava na água pouco menos de nua, ele observava: — «Não, não; isso não devia ser permitido. Toda a vida ouvi dizer que o homem nu é Deus e a mulher nua o diabo...» — E no entanto, pensava eu, dentro de

água ela parecia mais nua e adorável: banhava-se e movia-se dentro da água transparente com os membros impermeáveis, lisos e roliços de um mármore flutuante...

Imaginações a que o meu atual estado de espírito se presta, e que passam nos meus sonhos com a precipitação vã das sombras de um rebanho de nuvens impelidas pela ventania sobre o deserto. Vou pensando sem descontinuar em toda a casta de monstruosidades; de repente um estremeção, um calafrio que tudo baralha; é a lembrança de Maria Adelaide...

XXVIII

A noite está húmida e serena, extraordinariamente silenciosa, com um céu cristalino e profundamente estrelado; dum infinito sossego na atmosfera, e o ruído do mar apaga-se por completo. Visto de cima da ponte, o rio parece refletir até às máximas alturas as profundezas estreladas do céu, mas exagerando ainda o brilho de certos astros. É um céu invertido, mas ainda mais silencioso do que o verdadeiro...

Ao voltar da ponte encontro o meu pátio cheio de máscaras que em casa se recusam a receber; são os mascarados de sempre: pantalonas turcas, feitas de saíotes amarelos; dominós de lençóis de pano cru; mãos inverosímeis de latagões, cujos troncos envolve a puída camisola de malha de algodão, metidas em luvas rebentadas, estendem-se para mim familiares, com o — «Como está? Passa bem?» — em falsete, numa imitação de tom alfacinha, e à mistura com o cheiro da transpiração dos sovacos um relento de patchuli sai daqueles grupos...

Dentro de casa há rumor de vozes diversas: Maria Adelaide tem visitas e isso não me incita a entrar. Volto para a rua e vou direito à ponte, que encontro já alumiada pela lua que nasceu. E pus-me a passear na ponte, parando a cada passo, debruçado sobre o rio, a admirar diversos efeitos da tremulina da lua na água negra. Era agora como que uma ramagem de prata agitada brandamente; logo a impressão de uma esteira feita de círculos concêntricos; logo uma serpente de oiro afogada em boião de tinta; depois o movimento febril de saltões de prata; desenhos japoneses

sobre porcelana; e, por fim, num recanto estagnado, a imagem perfeita e pesada da lua oscilando brevemente, prestes a afundar-se...

Mais tarde a vila envolve-se em denso nevoeiro, tão cerrado como ainda aqui não vira igual. Impregnado da poesia do luar, voltei para casa tranquilo, como já há muito tempo me não sentia, e até me acudiram à lembrança certas passagens da lua-de-mel, e delas uma época em que eu andava como que despeitado por ver Maria Adelaide tão simples e corajosa, desejando conhecer as minhas mágoas como se ela se julgasse capaz de poder também com o peso da minha alma...

XXIX

Maria Adelaide esperava-me já deitada, mas lendo um romance dos folhetins do Século, e recebeu-me com mostras de tanto carinho que eu julguei que íamos definitivamente para uma era de paz. Enquanto eu me despia contava-me o que a leitura lhe trouxera à memória de quando fora com a tia de Xabregas visitar a feira de Alcântara. Era a transfiguração de Galateia, cara que um ramo de flores substitui e logo se transforma em gaiola de pássaros, e assim por diante até voltar à fase primitiva, que ainda se decompõe em caveira e se prende ao esqueleto dançante, e contava-me tudo isto com um colorido tal, um entusiasmo tão vibrante, impossíveis de serem excedidos por grandes inteligências no descritivo de cenas trágicas ou burlescas. Depois falou no cómico par que aparecia em cena, Dona Matilde e Dom Pepino, as caras jocosas que mostravam no primeiro ano da sua apresentação, e no ano seguinte como vinham já, cada um com seu menino nos braços, tristes e amargurados...

Eu, que estava com sono e queria dormir, atalhei a narrativa para lhe dizer que tudo isso era nada em comparação daquilo que via na China, e citei histórias que me contava em pequeno um marujo da armada, que andara pelo Extremo Oriente, e de tudo o que mais o maravilhara e disso falava sempre com assombro, fora um bruxo japonês que ele vira enfiar uma caganita de coelho pelo buraco de uma agulha de coser cambraia, tirando uma linha de dois metros, que não se quebrava e ondulava ao vento como fio de retrós...

Pois bastou esta brincadeira para que Maria Adelaide encavacasse, clamando que era impossível falar comigo a sério, e, apagada a luz, voltou-me as costas. Ao dia seguinte ainda parecia mais furiosa, e levou uma semana sem quase me dirigir a palavra...

XXX

Mas porque é que eu me sujeito a semelhante tratamento? Porque é que me não vou embora? Porque é que a não largo? Porque é que não fujo?

É o imperioso domínio da carne: a ideia de perder o seu corpo deses-
pera-me; não a tolero... Um dos encantos da mocidade consiste na con-
fiança ilimitada, mas confortativa, de um possível e compensador «apelo
à opinião pública» nos atos graves da nossa vida. Os lances violentos, as
afrontas, etc., expomo-los então ao «tribunal» dos nossos amigos, que
naturalmente nos dão sempre razão. Aos 40 anos, quando já não se apela
para ninguém, essas crises resolvem-se com extrema dificuldade; embora
haja o máximo desprezo pela opinião pública, tememos dar-lhes publici-
dade, e da concentração em nós mesmos ficam feridas que nunca saram.

Eu andava positivamente atordoado com a situação a que chegara, de
me sujeitar ao mando de uma criatura de inteligência inferior, sem poder
soltar-me das cadeias com que a sensualidade me prendia à sua carne.

XXXI

Nisto sucedeu que fui obrigado a ir a Lisboa e, logo de chofre, a ideia dessa diversão alegrou-me; porém foi sol de pouca dura; de aí a poucas horas já eu quase que chorava com a perspetiva da separação...

Maria Adelaide recebeu a notícia com aparente indiferença; estávamos almoçando quando eu lha dei, anunciando a partida para o dia seguinte; mas ao acabar o almoço, quando eu lhe disse como é que havia de arranjar a mala, atirou-se a mim com um ar desvairado, cobrindo-me de beijos e, entre soluços, clamando: — «Então isso é a sério!?!... Vais deixar-me sozinha... Agora sim que nunca mais cá voltas...»

Tentei tranquilizá-la, jurando que o mais que me demoraria era uma semana, mas ela não se acomodava e teve um dos seus mais violentos ataques nervosos.

Quando voltei a casa, à tarde, já me tinha preparado a mala; parecia sossegada e estava toda empoadada: fora brincadeira das irmãs. E eu disse-lhe então: — «Está bem; assim é que eu gosto; brinca à vontade; joga o entrudo para te distraíres...»

Ela, porém, lançou-me um olhar que me meteu medo, mas em voz calma, observou: — «Sim, amiguinho, deixa-me brincar; amanhã é que eu hei de estar triste.»

Na manhã seguinte acordou queixando-se de dores no coração, mas sem mostrar pena.

— Ainda não penso nisso, amiguinho; mas à noite, quando me encontrar aqui sozinha!... A despedida foi patética.

XXXII

Passei uma semana em Lisboa, sempre atormentado com a ausência do seu corpo que beijei todo, ao primeiro encontro, na manhã do meu regresso, como que surpreendido de o achar intacto. Beijos silenciosos, sem conta. Mas ela mal correspondia às minhas carícias e por mais de uma vez observou: — «Eu dava tudo para saber o que fizeste em Lisboa, tanto tempo sozinho, à rédea solta...», e este «à rédea solta» ficou a ecoar-me no pensamento, humilhante e doloroso como uma chicotada. E eu que vinha resolvido a esquecer tudo e encetar vida nova, toda de paz e concórdia!

Soube sem demora que um caixeiro-viajante dissera a D. Angélica Soares, e esta o fora logo repetir à mãe de Maria Adelaide, que me vira em Lisboa, no «Tavares», jantando (e bebendo champanhe) na companhia de uma dama elegante, nova e bonita. Tudo mentira!

Essa D. Angélica Soares era a mais velha de uma quadrilha de solteironas (ali não conheci nunca machos) que vivia de trabalhos de costura, mas tinha mais bazófia da sua estirpe do que a família real. O que me tornava essas Soares senão simpáticas pelo menos suportáveis, era o modo como elas vestiam as mocinhas de recados: punham-lhes nos ombros uns xalezinhos de xadrez puídos mas limpos e nos chapéus de empreita uma fita desbotada, de seda verde, que as assemelhava a certas inglesinhas que se encontram nas grandes cidades.

Quem me contou a alcovite de D. Angélica foi o vizinho do lado fronteiro da rua, que levou horas a espreitar se me via sair de casa,

e suspirando e dando ais correu para mim a desfechar a notícia, dando-me os parabéns pela conquista feita na capital. Correu para mim, não; arrastou-se com a pressa que pôde sobre as pernas trôpegas. Era uma criatura doente, mas ainda mais cismática do que enferma, que andava sempre extremamente abatida, tanto no moral como no físico, e passava os dias buscando nos jornais os anúncios dos depurativos e pílulas maravilhosas que o haviam de curar ou dar-lhe alívio pronto.

Mas a intriga, em si, de D. Angélica pouco ou nada me preocupava. Era de tal forma absurdo que eu tivesse uma amante em Lisboa e nunca a fosse ver! Naquele momento o que mais me doía era a receção de Maria Adelaide. Eu quase não dormira pelo caminho a fantasiar as delícias do nosso próximo encontro, seguro de que ela, ainda deitada, me esperaria com certa ansiedade física, e o acolhimento ultrapassara em frieza tudo quanto se possa imaginar de dois corpos inimigos. Os seus beijos foram poucos e sem apego, e quando eu me propunha a tomá-la nos braços recusou-se terminantemente, dando como desculpa não sei que imaginários incómodos, os quais, mesmo pelo tom com que os enunciava, se percebia que eram inventados.

A conversa do vizinho, repito, pouco ou nada influiu no grau da minha irritação; tudo se concentrava nesta sentença: perdi a posse do seu corpo. E meio desvairado, sem consciência daquilo que fazia, saí do povoado e encontrei-me a cogitar sobre o caso, sentado no terraço de uma quinta, chamada de «S. José», que tinha perto da vila, debaixo de um caramanchão coberto por um tupido jasmineiro cujas flores rescendiam a «carne dela». Nos ramos soltos do jasmineiro, todo florido de branco, os casais de andorinhas poisavam como laços de veludo negro.

Ali, durante horas evoquei o tesouro inesgotável da sua carne, a começar pelas faces que tinham a macieza e o aroma de alperces maduros, e os lábios perfumados, brandos, que se me derretiam na boca melhor do que os gomos das laranjas de sangue, até aos pés de deusa, de mármore polido e nevado.

Não restava dúvida: esta minha sujeição revestia um carácter de fatalidade diabólica. Seria talvez mais prudente resignar-me...

XXXIII

Quando voltei a casa encontrei o médico que de lá saía; fora chamado à pressa para acudir a uma violenta crise que atacara Maria Adelaide logo que eu a deixara, sendo aquela a segunda visita que fazia nessa manhã «à minha fascinadora companheira», como ele a chamava. Achou-lhe o coração muito abalado e os nervos em grande desequilíbrio, suspeitando até, pelo volume algo anormal que o pescoço tomara, que seria o começo de um ataque de bócio. Recomendou sobretudo sossego de espírito e abstenção completa durante algum tempo, do «delicado capítulo dos jogos sexuais».

E aí está como o próprio médico reforçava a situação de onde provinham principalmente os meus males!

Mas o facto é que me senti tomado de um profundo sentimento de piedade, e varrida toda a ideia de luxúria fui amimá-la com as carícias que se dispensam às crianças, e beijos castos, fraternais. Isto, porém, não parecia produzir efeito algum, e a expressão dos seus olhos denunciava ainda maior desconfiança; toda a ansiedade era saber onde é que eu passara a manhã, e por mais que lhe jurasse que estivera todo esse tempo em «S. José» era fácil de perceber que não acreditava.

Nas festas que lhe fazia os meus beijos demoravam-se no gracioso «colar de Vénus», que ela tinha muito acentuado, e que eu, talvez por sugestão do que ouvira ao médico achava realmente avolumado, apalpando-o várias vezes. Ela reparou nessa insistência e com certo enfado perguntou:

— «Mas o que tenho eu no pescoço? Já o médico o apalpou e agora tu; por mais que o examine ao espelho nada encontro de novo.»

Assegurei-lhe que tampouco lhe achava diferença, salvo para mais lindo ainda, e fi-lo em tom tão sincero que ela pareceu convencida e não tornou a falar em tal.

XXXIV

Seguiram-se umas semanas de relativa paz e sossego.

Quem eu não vi mais na nossa rua, depois da minha ida a Lisboa, foi o «tonel ambulante», mas encontrei-o um dia no mercado, com outro janota não menos volumoso, linfático, bochechudo, doutrinal, com frases atrevidas, o indicador sempre no ar e muito musgo na dentuça. Porém, vieram para mim com jeito humilde e submisso, de chapéu na mão, e reparei que ambos eram calvos e o segundo parecia ter os rarísimos cabelos que lhe restavam distribuídos com método e pegados por etiquetas...

Falei no encontro a Maria Adelaide, admirando-me que o «seu namorado» nunca mais aparecesse na nossa rua, e ela, depois de rir muito, observou:

— E não torna a aparecer, podes ter a certeza. A Maria Bárbara (a cozinheira) quando tu estavas em Lisboa, atraiu-o à porta do quintal, como se fosse receber um bilhetezinho que ele lhe mostrara da rua, e do alto da varanda despejou-lhe na cabeça um vaso cheio de água suja. E ainda por cima, a vizinhança, ao ver o miserável estado em que ele ficou, deu-lhe vaias e apupos. Mas foi remédio santo: ninguém mais o viu rondar por aqui...

E levou-me ao quintal, para me explicar como se dera o facto. Quando a vizinhança nos viu juntos na varanda, tudo correu para a rua a acenar-nos com gestos de saudação e alegria, e o mais velhinho dos filhos do remador da alfândega agarrou na irmã e trouxe-a nos braços, como se fosse uma trouxinha de carne. Gordinha, rosada, bem-criada, leva, todos

os dias, horas infinitas deitada, com a cara no chão, a chorar e a ver se pode meter a cabeça pela soleira da porta, que tem uma gateira por onde a chuva entra e faz poça. A Maria Adelaide chamou por ela, deu-lhe bolachas e por pouco a não come com beijos.

Acudiram-me então à lembrança as nossas respetivas disposições de espírito a respeito de filhos, as quais tinham mudado por completo. Dantes era eu que fiscalizava com rigor as manobras impeditivas da procriação, que ela praticava sempre com relutância; agora era ela que as executava à risca. Naquele momento, sem pensar bem no que dizia, perguntei-lhe se já não desejava ter filhos, como aqueles tão lindos do remador.

— Filhos? — replicou ela, com a voz trémula. — Já me bastam os cuidados que me consomem... — E reparei que lhe corriam as lágrimas.

XXXV

Começou por essa ocasião a frequentar-nos assiduamente a casa uma sua amiga de infância de quem ela nunca dizia bem e que sofria do peito. Era uma cara esquisita, mas que não inspirava repugnância. Os olhos abriam-se-lhe e repuxavam-se-lhe para a testa, *à chinesa*, em êxtase, sempre que fitava um homem, tal era a impressão de ternura que lhe inspirava qualquer macho que topasse no caminho.

Esta assiduidade não me era extremamente simpática; mas bastou que o dissesse a Maria Adelaide para que a intensificasse. Tomei então o caminho oposto, mostrando-me quase enamorado, e o pior foi que ambas tomaram o caso a sério, donde resultou uma cena quase trágica entre as duas, terminando a Maria Adelaide por lhe declarar que não a queria ver mais na sua casa, e para comigo retomou os seus grosseiros modos de patroa e mestra...

A amiga de infância foi logo substituída pela Sr.^a D. Silvéria dos Reis, que, essa então, me era profundamente antipática, e dali em diante não faltava uma única tarde. Bela dama! Durante as visitas não fazia coisa alguma. Levava horas em pose de retrato, descansando nas coxas (fornidas como ancas de porco) os molhos de cenoura que as suas mãos representavam. Para a não ver, para lhe não ouvir o gargarejado da voz de papo, deixei de vir a casa ao sol-posto, como era meu costume infalível, mas Maria Adelaide fingia não dar por isso...

Uma tarde, porém, precisei de lá ir, e encontrei-as embebidas na cavaqueira habitual, dando o rosto de Maria Adelaide mostras evidentes

de choro recente. Feitos os inevitáveis cumprimentos, perguntei em tom algo áspero:

— «O que é que tu tens? Há mais alguma novidade?...» Atalhou D. Silvéria para dizer:

— «Há já muitos dias que a menina só tem ideias negras e pensa constantemente na morte...»

— «Penso na morte, sim, mas não é na minha morte, é na tua. Eu tenho cá uma coisa que me diz que tu hás de morrer primeiro do que eu, e quando estiveres aqui, no meio da sala, dentro do caixão, eu chego-me ao pé de ti para te dar um beijo na cara, sinto uma grande dor; salta-me o coração e fico com ele nas mãos, como a Nossa Senhora, feita de pedra e em pedra tu também ficas, e o caixão, e tudo...»

Eu desatei a rir, observando:

— «E para ouvir semelhantes asneiras queres tu que eu venha mais vezes a casa! Realmente é pena que isso não suceda, para os meus herdeiros terem bonecos de pedra dignos de ornar o portão da quinta de «S. José». Tu então, com a minha cabeça ao lado e o coração entre as mãos, ficavas ali a matar...»

Pois não foi preciso mais nada para que ela tivesse um faniquito. Abandonei-a aos cuidados de D. Silvéria, e já passava da meia-noite quando me fui deitar, encontrando-a sentada na cama, a chorar sem consentir que a beijasse.

Bonita vida a minha, não há dúvida, refleti, e eu sem força para me libertar; e, de olhos fechados, acudiu-me a sua imagem, tal como eu a vira enquanto falava a D. Silvéria: pareceu-me mais linda do que nunca, os olhos mais luminosos e o colar de Vénus mais acentuado. Silenciosamente procurei juntar os nossos corpos, mas ela recusou-se terminantemente ao amplexo, e como eu insistisse, acendeu a luz, levantou-se e foi estender-se num sofá da sala próxima...

— Bonita vida a minha, repetia eu, enraivecido de despeito e... de desejo...

E levei o resto da noite a sonhar que a abraçava, que a beijava, que as minhas mãos ávidas lhe percorriam todos os escaninhos do corpo... Não restava dúvida: enfeitiçava-me e debalde procurava fugir à sujeição que me impunha.

XXXVI

Foi nessa altura que eu comecei a olhar a paisagem como quem contempla quadros num museu. Agora, que ao amadurecer das searas, na flavesçência dos campos, as figueiras brilham, em rodas de manjericões, com um verniz mais fresco, levava grande parte dos dias passeando pelos arredores da vila, onde há pontos de vista realmente encantadores.

Amiúde ficava horas sem fim em «S. José», dentro do caramanchão, donde se podia ver também quem passava na estrada, e notei que raro era o dia em que a mais nova das Benildes não aparecesse por lá e não rondasse como que a espreitar o que eu fazia. Essa Benildes, que figura! Merece especial menção. Pequenina e rechonchuda, passo curto, miudinho, como que tolhido por alguma prisão nas pernas, o olhar curioso, admirado, a cada instante encurtando ainda mais o passo, mas sem nunca parar de todo, como os soldados nos exercícios de recruta, sobretudo quando a curiosidade lhe pedia melhor exame de quem passa; o vento (mesmo em dias de calmaria) a agitar-lhe as saias, armando pregas de estatueta antiga; a expressão do rosto resignada; feições infantis sob a rede espessa de finíssimas rugas; a voz doce, sumida; um conjunto de nulidade, de inutilidade, de zero, mas chamando a atenção pelo insólito do tipo que era... Como soube mais tarde, ela vinha, com efeito, espiar-me a mandado de Maria Adelaide.

Foi também por essa ocasião que notei o valor ornamental que inespereadamente tomam, na perspectiva dos campos, alguns troços vulgares

de construções por acabar: um pano de parede marcando no azul do céu a série de retângulos das suas janelas escancaradas, e assim compreendi o altíssimo valor decorativo das ruínas históricas nas campinas desertas...

XXXVII

Mas depressa caí na submissão absoluta e restabeleceu-se a paz aparente que me permitia fruir a meu bel-prazer dos encantos do seu corpo. Ela, porém, cada vez mais nervosa, a ponto de que as minhas passadas na sala próxima da alcova, cujo sobrado tinha grande ressonância, repercutiam-se-lhe no peito, dizia ela, em aflitivos baques.

Desta vez a minha sujeição foi em parte motivada pelo dó, pois o médico, meu amigo e clínico de toda a confiança, declarou-me que os nervos de Maria Adelaide estavam positivamente doentes, e o coração falhava de um modo assustador, sendo indispensável evitar-lhe contrariedades, desgostos, cansaços, e chamando a minha atenção para o capítulo da sensualidade, no qual era preciso ser moderadíssimo, aliás a breve trecho seria forçado a fechá-lo de todo.

Nesta fase sucedeu também que uma das irmãs, a Júlia, começou a deitar sangue pela boca e o mesmo médico declarou-a perdida. Isto causou a Maria Adelaide uma grande pena, levando os dias e noites a lamentar-se como se fosse ela a vítima. E o mais curioso é que atribuía a sua desgraça à «sorte de S. João», chamada «mesa dos ofícios». A sorte consiste em pôr em cima de uma mesa: a faca: marujo de armação; o sapato: sapateiro; a pedra de cal: pedreiro; a tábua: carpinteiro; o trapo: paneiro ou lojista; o sal: marinheiro; a ferradura: ferrador; o livro: escrivão; o lápis: empregado; o carvão: carvoeiro, etc., e tirar ao acaso para ver qual será o ofício do marido. O carvão (carvoeiro) é que causava mais ferro às moças a quem

tocava. Pois à Júlia, que andava perdida de todo por um marceneiro, em três sortes seguidas coube-lhe o carvão. Ao dia seguinte principiou a despachar sangue do peito...

Isto concorreu também para que eu reabrisse as tréguas, mas apesar da minha boa vontade elas foram, ainda desta vez, sol de pouca dura.

Resolvi, no entanto, e embora me sentisse cada vez mais obcecado pela atração do seu corpo resolvi abster-me quanto possível dos contactos carniais, o que ela logo notou e longe de se mostrar satisfeita, era ela que por todos os modos e maneiras me tentava, e vendo a inutilidade dos seus avances exclamou um dia, em tom colérico:

— «Eu já te não entendo; ou tu estás mudado de todo ou já não gostas de mim...»

Tive de lhe participar o que o médico aconselhara, ajuntando que era tenção minha, se ela concordasse, dormirmos durante alguns meses em camas separadas. O que fui eu dizer! Choro, gritos, faniquitos, à mistura com imprecações e insultos:

— «Bem me disseram — ajuntava entre lágrimas — que andavas atrás doutra mulher, mas tem a certeza que se descubro quem é mato-a...»

Curioso carácter, estranho temperamento, o de Maria Adelaide! Boa e compassiva, no fundo. Não lhe era lícito, como à outra gente, apiedar-se com frequência dos males alheios: a piedade, nela, trazia-lhe sofrimentos reais. Substituí-a aos atormentados para partilhar das suas penas, e isto levava-a a pensar que, em geral, a piedade não passava de uma fórmula social destinada a atrair simpatias e considerações a quem com palavras a manifesta. Para evitar sofrimentos próprios evitava a compaixão, e não acreditava que os outros a experimentassem sinceramente...

XXXVIII

Nas terras pequenas sobra o tempo, talvez porque se poupa muito nas distâncias, e ninguém pensa em combinar encontros por frações de horas. Diz-se: lá vou das 10 às 11, ou apareça à tarde, ou lá estarei à boca da noite, etc., e nunca: às dez e um quarto, ao meio-dia e meia hora, etc. Sem embargo mesmo nas máximas capitais ninguém leva o escrúpulo até à minúcia de reparar nos segundos, como em terras de província o cavalheiro ocioso que passa os dias e as noites na botica (por exemplo) e a quem consultam a respeito da hora. Ele diz, tirando o relógio: «— São 9 e 25 mas advirto-o de que o meu relógio anda dois minutos atrasados da hora do telégrafo.»

Pois Maria Adelaide um belo dia começou a regular a sua vida, os arranjos da casa, tudo, até os meus próprios movimentos, cronometricamente, sentando-se à mesa sozinha se por acaso eu não chegava à hora exata das refeições. E implicava com todos, criados, família e caseiros, por pequena que fosse a demora no cumprimento de qualquer diligência que ela lhes confiava marcando sempre o prazo de execução.

Tal aspeto de loucura tomou o seu procedimento neste capítulo que o fui expressamente comunicar ao médico, o qual a viera ver havia poucos dias, mas com quem eu ainda não falara.

— «Que quer, meu amigo — observou-me ele —, aquele ‘grande simpático’ está cada vez mais desequilibrado! Temo que o desfecho será um formidável caso de ‘bócio exoftálmico’. Repare-lhe bem no peçoço

e verificará que a tiroide já tomou proporções anormais, e quanto aos olhos a sua saliência é evidente...»

— «O bócio exoftálmico — atalhei aflito — mas isso significa desfiguração completa do seu lindo rosto e a ruína do seu corpo divino...»

— «Não se assuste..., talvez eu me engane e o mal não progrida. Tenha paciência. De resto ainda não se descobriu enfermidade que aformoseasse o doente.»

XXXIX

Quando cheguei a casa para almoçar já ela ia a meio da refeição, e recebeu-me carrancuda, sem proferir palavra. Para mais frisar o contraste estava lá a irmanita mais nova, que era de uma alegria cristalina e rubra como um rubi.

Comecei sem demora o minucioso exame das suas feições, e ao ver a atenção com que eu a mirava mais se anuviou o rosto e exclamou:

— «O que será que trazes agora na cachimónia? Parece que é a primeira vez que olhas para mim...»

Mas eu não me cansava realmente de a mirar e remirar, sem descobrir alteração no pescoço e achando que os olhos brilhavam ainda com mais fulgor; em resposta à sua observação, num impulso irresistível levantei-me e, tomando-lhe a cabeça entre as mãos, comecei, apesar da sua resistência, a roubar-lhe beijos: beijos esmagados de encontro aos dentes brancos, como se os lábios fossem frutos perfumados e maduros. Por fim fitou-me enternecida, e apaixonadamente retribuiu os meus beijos. A nossa pequena comensal batia as palmas.

Terminada a refeição fomo-nos deitar juntos para dormir a sesta (o que havia tempos infinitos não sucedia) e sem adormecer de todo, num interminável amplexo, assim levámos a tarde que estava sufocante de calor, ao som de um lundum, cantado em surdina e desmesuradamente arrastado, por uns marujos, na taberna vizinha...

E desta vez as pazes pareciam ficar solidamente assentes.

XL

A impressão desta hora de tréguas foi tão funda que, lembrando-me do quadro da minha morte que ela descrevera a D. Silvéria, comecei a entrever a possibilidade de desaparecer antes da minha amante, deixando-a pobríssima e sem recursos de espécie alguma. Não conseguia livrar-me dessa preocupação assustadora. Qualquer passeio pelo campo em que topasse com um trecho de caminho ruim me sugeria o risco de uma catástrofe; um pouco de febre que sentisse, ou uma simples dor de cabeça, e aí ficava eu estarecido com a ideia da morte, na certeza de que a minha família nenhum esforço pouparia para esbulhar Maria Adelaide de tudo quanto eu lhe legasse. Davam-me rebates monstruosos; esperanças de me ver livre de todos os meus para lhe deixar tudo o que possuía. E enternecia-me, exacerbando o receio da morte, o quadro do que seria a sua dor, as contorções dos braços, os soluços, os olhos afoguesados, as lágrimas ardentes...

E nisto andei ensimesmado durante várias semanas, porém a amabilidade franca de Maria Adelaide ia-se obscurecendo e, agora, sem mesmo buscar motivo aparente voltou ao antigo estado de desconfiança e impertinência. Tudo lhe despertava ciúmes; até o gato; até a cozinheira que era uma pobre velha vesga e balofa.

XLI

Nesta altura morreu subitamente a irmã Júlia, que ela estremecia mais do que nenhuma outra. O golpe foi tremendo e com tão funda repercussão nervosa que o bócio se lhe manifestou de um modo inconfundível: esbugalharam-se-lhe os olhos e a tiroide avolumou como se fosse postiça. Depois do enterro apareceu-me já desfigurada; mas coisa triste, quase inconfessável, sem me suscitar o mínimo de sentimento de piedade, antes o que sobrepujava era repugnância física à mistura com o despeito de ver que se desfaziam definitivamente os encantos da sua carne... E cobriu-se de luto (os lenços de assoar levavam tarja negra) ela que sempre detestara tais manifestações de desgosto, as quais considerava fingimento e hipocrisia. Quanto ao procedimento para comigo pior do que nunca: exigências de toda a ordem e modos de mestra-escola; tratava-me como se eu fosse exclusivamente coisa sua...

Consequentemente todos os meus projetos de lhe assegurar o passado depois da minha morte se desvaneceram, e mais de uma vez me surpreendi repetindo a despiedada e grosseira imprecação popular: «e não vir um raio que a parta!»

Mas porque não lhe fugia eu? era a pergunta que me acudia incessantemente ao espírito. Por acaso seria verdadeiro

o conceito de um amigo meu, infeliz no matrimónio e na mancebia, que pretendia ser mil vezes mais fácil a separação ou divórcio entre cônjuges do que nos casais amancebados? E com efeito nos meus mais

bem arquitetados planos de abandono e fuga eu tinha a consciência clara de que os fazia para entreter a minha imaginação, e que jamais teria a coragem de os executar. Indescritível tristeza que se me apossou da alma, e me transparecia no rosto a ponto de toda a gente me perguntar o que tinha e se estava doente.

E com esta pergunta era infalível a que se referia a Maria Adelaide (que realmente emagrecia a olhos vistos) e sempre acrescentada daquilo que mais parecia estribilho: — «Que mudada que está; não parece a mesma; ela que era a cara mais linda da vila...» Mas atribuíam-lhe o descabro ao desgosto causado pela morte da irmã, se bem não faltasse quem afirmava que era provocado pela vida de «cão e gato» que levávamos.

XLII

Sucedeu também por esta altura que uma velhíssima tia-avó, vendedeira de frutas, mas pobríssima, caiu de cama, tendo o médico declarado que não escapava. Logo a Maria Adelaide, que nunca fizera da tia o menor caso, lhe correu para a cabeceira; trata dela, dando-lhe os remédios, na espelunca onde dormia, lavando, caiando, esfregando, e lá passava horas e horas, às vezes tardes inteiras, voltando a casa pela noite fora, chorosa e mais insuportável do que nunca, e, se me encontrava dormindo, acordava-me para me contar o que a velha dizia nos seus acessos de delírio.

Uma noite, quase manhã, chegou a casa soluçando e gemendo, não descansando enquanto me não teve bem acordado a ouvir o que tinham sido os últimos momentos da tia, a qual morrera poucas horas antes. E a forma como se dera o inevitável desenlace ainda hoje me impressiona, quando me lembro.

Tinha a velha uma sobrinhita, de uns 10 anos de idade, que era os seus encantos e que a família mandava, de quando em quando, fazer-lhe companhia. Nessa noite, quando a pequena lhe entrou no quarto, ela mal pareceu dar pela sua presença, e quase não correspondeu aos afagos e festas. Mas a certa altura, vendo-se bem que se sentia muito aflita (começava a agonia), chamou-a para o seu lado, e, já com os olhos muito encovados, procurou fixá-la, enquanto as mãos trémulas lhe percorriam as feições, e de repente, afastando-a com rudeza, exclamou:

— Basta, basta!... Vai-te embora, não te quero ver mais aqui...

A pequena respondeu-lhe abraçando-a e beijando-a, mas ela cada vez a repelia com mais força, repetindo:

— Vai-te já embora; não te quero ver aqui...

E como a criança não lhe obedecesse, desatou a clamar:

— «Porque é que não a tiram daqui? Não veem que eu não posso morrer enquanto ela aqui estiver?... Não tenho alma para me separar dela...»

Por fim os gritos foram tantos, que levaram a criança para fora do quarto, e a velha, embora com os olhos fechados, murmurava:

— «Está bem; agora que ela já aqui não está, posso morrer...»

E exalou o último suspiro.

E a contar o que se passara depois — a lavagem do corpo e o trabalho de o vestir — levou ainda uma hora ou mais, e por fim, com ar cerimonioso, sem me tutear, fechou deste modo a sinistra narrativa:

— «Eu hei de morrer ao pé de si. Quando eu morrer o senhor há de vir fechar-me a boca, depois os olhos; mas eu, que estou sempre a olhar para si, não deixo e hei de ir para a cova de olhos abertos. E quero ir de esquife... Quer ouvir? A minha avó estava no esquife, no meio da casa, com um olho fechado e outro aberto, e eu fui, de mansinho, a ver se lho fechava, mas tinha-lhe pegado na mão e quando estava o olho fechado, solta-se a mão e abre-se o olho; eu dei um grande berro: 'Ai! que a avó está viva!...' A casa era de chão desigual e o esquife estava mal posto, de forma que se mexeu e isso é que foi tudo...»

XLIII

Eu estava aborrecidíssimo com tanta morte, tanto esquite, tanto olho aberto e fechado, mas não me atrevia a dizer-lhe que se calasse, à uma porque isso era inútil e depois tínhamos os faniquitos do costume. Ouvi, pois, calado, até que ela apagou a luz. Então deu-se um fenómeno de veras curioso. Ao voltar-me na cama a mão toca-lhe — como que encalhou — no seio e de repente esqueci todos os desgostos que a doença produzira, como se o seu corpo fosse ainda perfeito, divino, e, num arranco de selvagem brutalidade, cerrei-a nos braços e consumiei com gozo ardente o grande ato de amor que havia já algumas semanas não praticava... Sadismo genuíno?... Ela recebeu as minhas carícias friamente, mas sem repulsa, e os meus beijos sorviam-lhe as lágrimas que silenciosamente continuavam a escorrer-lhe pelas faces...

Ainda sob esta impressão o meu primeiro cuidado, ao dia seguinte, foi examiná-la miudamente. Não havia dúvida; estava disforme! A magreza, a que tão rapidamente chegara, mais relevo dava à intumescência do bócio e à saliência dos olhos; a pele enrugara-se-lhe nas fontes, e as sardas, alastradas e juntas, tingiam-lhe as faces de um amarelo desbotado. No meio daquela ruína só ficavam os dentes, justamente comparáveis às mais lindas pérolas, e o manto fartíssimo do ondeado cabelo de um loiro quente...

Mas, paciência! Com tudo isto arraigava-se-me mais a convicção de que não teria força para a abandonar.

XLIV

Poucos dias depois da morte da velha tia, quando estávamos almoçando, veio a criada dizer-me que estavam ali duas comadres minhas que desejavam falar-me com urgência. Mandei-as entrar. Eram, com efeito, a minha comadre Gertrudes Gaspar e a minha afilhada Raquel de Matos, que recorriam às minhas luzes para saber como haviam de liquidar uns cheques, enviados da América pelo filho daquela e pelo marido desta, ao pagamento dos quais o sacado punha dúvidas, exigindo certas garantias que eu poderia dar-lhe.

A minha comadre Gertrudes estava «temente» (de meter medo): negra, engelhada, com lascas de carvão de pedra no lugar dos dentes e uma carapinha onde ela mergulhava a miúdo os cinco dedos (quando não eram os dez) para rascar o coiro, certamente piolhoso. A minha afilhada Raquel parecia feita de massa crua de biscoito; magríssima, macilenta, os olhinhos a luzirem-lhe de estupidez maliciosa, a testa a indicar obstinação e teimosia selvagens; o corpinho armado em roca, já na «orgadura», sem o menor vestígio de polpa agarrada aos ossos. Falam largamente da sua gente. A Gertrudes gaba muito o filho, que já tem mandado dinheiro por três vezes, desde que um influente político o livrou do sorteio (o moço é um Hércules pardo), e a Raquel conta que o marido insta com ela para ir à América. O marido é o Sr. Matos, de orelhas desmedidas, cozinheiro de bordo e que, contratado para a pesca, na Terra Nova, em barco português, desertou. O filho da Gertrudes também fugiu de bordo de outro navio.

Enquanto elas falam eu penso com admiração nesses homens que encontrando-se, em terras civilizadas, entre mulheres apetitosas, não esquecem o buraco onde nasceram, nem as feras com que foram criados ou nas quais proliferaram...

O filho mais novo da comadre Gertrudes também já anda embarcado; na aldeia onde vivem, diz ela, com voz fanhosa, não há mais «governo» para os homens além do mar e são as mulheres que os induzem a embarcar para... ficarem à solta e comer o que eles mandam. (Esta última parte ajuntava-lhe eu *in mente*.)

Maria Adelaide escutava tudo isto com evidente e vivíssimo interesse, interrompendo somente para averiguar se a Raquel se resolveria a fazer a viagem, e mais de uma vez a ouvi repetir: — «Eu cá, no seu lugar, não hesitava nem uma hora; punha-me logo a caminho...»

Deixei-a para ir escrever o bilhete de garantia e quando voltei ainda estavam de conversa pegada; Maria Adelaide, amabilíssima como nunca a vira, oferecera-lhes de almoçar e seguia num interrogatório rigoroso acerca dos transportes para as Américas, ganhos prováveis, modos de vida, etc.

XLV

À noite, quando voltei para casa, a primeira coisa que me disse foi:

— «Levei o dia todo a pensar em viagens. Ah! Se eu fosse livre partia para a América e fazia-me criada de servir, o que ali vale mais do que a vida de senhora em Portugal...»

Entre risonho e zombeteiro, respondi-lhe:

— «Pois minha filha: se te decidires, não sou eu que me oponho...»

— «Era o que tu querias — atalhou ela, num tom irado — para te veres livre de mim...»

Porém, durante a noite acordou-me, para falar nas Américas, e ao dia seguinte declarou-me, perentoriamente, que estava resolvida a empreender a viagem.

— «O que tu estás é doida» — retorqui eu. E levantei-me, vesti-me e saí, sem lhe dar mais palavra.

Dali em diante a viagem à América tornou-se-lhe uma obsessão, azedando-lhe ainda mais o espírito, a ponto de ninguém já a poder suportar, e eu realmente comecei a convencer-me de que endoidecera, o que participei ao médico; ele, porém, riu dos meus receios e, para me tranquilizar, explicou:

— Simple caso de histerismo; aquele «grande simpático» não se quer acomodar; mas ela é nova e rija e há de sair vitoriosa da crise...

Simple caso de histerismo ou não, o facto é que não estávamos juntos uma hora sem nos envolvermos em grosseiras e por vezes dolorosas

disputas, que eu terminava pondo-me na rua, depois de a ameaçar de lhe torcer o pescoço. Vida intolerável e na qual o pior era a atração mórbida, irresistível, que me chamava para o seu lado e me obrigava a voltar pouco depois de a deixar.

XLVI

Por esta ocasião sobreveio um caso que quase me deu esperança de cura.

Os meus caseiros de «S. José» tinham duas filhas, das quais a mais nova, chamada Rosalina, de 14 anos, mas já mulher feita, era deveras simpática, e, sobre simpática, bonita a valer, de uma beleza algo campesina, porém atrativa. Bem feita, com aparência de quem vende saúde, tostada pelo sol, o que lhe doirava a pele, e ao mesmo tempo risonha e travessa como uma criança. Andara na escola, sem conseguir aprender as primeiras letras, o que muito penalizava os pais. Com as desaforadas impertinências de Maria Adelaide eu vinha a casa

o menos possível, passando grande parte do dia em «S. José», e assim me fui familiarizando com os caseiros, cuja vida, por fim, conhecia nos menores detalhes; e uma vez, escutando as lamentações da mãe, sobre o que ela chamava a estupidez da filha, ofereci-me para lhe ensinar a ler.

Consultada a rapariga, foi com espanto, e muito ao contrário do que a mãe presumia, que a vimos bater as palmas de contente, e logo no dia seguinte começámos as lições, pelo método de João de Deus, de que eu me servira para desbravar outras crianças igualmente relutantes ao ensino oficial.

Era geralmente à tarde, debaixo do caramanchão do jasmineiro que lhe dava as lições, das quais as primeiras foram de pura brincadeira, levadas a contar histórias para rir, que ela ouvia com profunda atenção, festejando com gargalhadas as passagens cómicas, de que lhe não escapava o caráter jocoso. Depois entrou de se ocupar com assiduidade do estudo do método,

e pouco tardou que não mostrasse evidentes progressos, garantindo que o êxito seria completo, se persistisse.

Com as brincadeiras, as contas, o ensino, e tudo o mais que derivava da convivência quase infalível de algumas horas diárias, a confiança que eu lhe merecia aumentou, a ponto de assumir proporções filiais, e uma vez, quando principiava a lição, ela agarrou-me subitamente as mãos e pôs-se a beijá-las, e como eu lhe dissesse que não queria isso, beijou-me repetidas vezes na cara, o que daí em diante se habituou a fazer no começo e no fim das lições. Por meu lado retorqui-lhe, primeiro, com um ósculo paternal na testa, mas depressa lhe passei para as faces, olhos e boca, de modo que boa parte do tempo que levávamos juntos era beijando-nos.

E não tardou muito que me não convencesse de que se reacendia a fogueira das velhas paixões, e foi isso que me animou: com um novo amor libertava-me, até certo ponto, do despotismo de Maria Adelaide. Mas teria eu força de vontade bastante para resistir à tentação, cada vez mais ardente, de consumir o ato final? Porém eu, já maquinalmente, perante a possibilidade de assim suceder, expondo-me a cenas dolorosas, se o caso fosse conhecido, fazia projetos insensatos que me permitissem explicar os nossos encontros por anos seguidos, como seria, por exemplo, ensinar-lhe francês e inglês, logo que ela atingisse a perfeição na leitura e escrita do português, o que não demoraria muito.

Com efeito os seus progressos eram rápidos e seguros. Dois meses depois da primeira lição já lia corretamente e começava com a escrita e as quatro operações. A mãe, a Sr.^a Quitéria, estava estupefacta e, naturalmente, não atribuía o êxito à habilidade e assiduidade do professor, mas sim à promessa que fizera de uma vela de cera de arrátel, à Senhora das Candeias, padroeira da capela do Compromisso Marítimo e muito da sua devoção. Como quase toda a gente daqueles sítios a Sr.^a Quitéria tinha costela de navegante na ascendência, e era à Virgem do Compromisso que recorria nas suas aflições. E sempre lhe tinha valido, mas jamais como desta vez, em que o milagre era manifesto.

XLVII

Por seu turno as notícias desses progressos já causavam despeito e arrelia no espírito de Maria Adelaide. Poucas vezes me falava nisso, mas quando encontrava a Sr.^a Quitéria não se cansava de lhe fazer perguntas, chegando uma vez a pedir-lhe que lhe mandasse a Rosalina a casa, para verificar se havia exagero, o que ela fez.

Mas, segundo a rapariga me contou, o interesse pela leitura era pouco ou nenhum, tendo-a, em compensação, sujeitado a um interrogatório em forma, para saber onde e como lhe dava as lições, e se de quando em quando não «brincava» com ela, beijando-a e apalpando-a. A rapariga fez-se desentendida e mostrou grande espanto de que tal fosse possível; porém, depois da entrevista começaram novas espias a aparecer na estrada à hora da lição, percebendo-se bem que procuravam descortinar o que se passava no caramanchão.

Mas o jasmineiro era tão tupido e disposto de modo que seria impossível perceber da estrada o que dentro dele se passava, e de qualquer outra parte tampouco seria possível, julgava eu, desvendar-lhe os mistérios. Levantado em um dos cantos do terraço, tinha duas pequenas aberturas que permitiam ver, de dentro, quem se aproximasse, e a entrada, larga, mas meia oculta pela folhagem, dava para o mar, e, graças à elevação do terraço, de sítio algum lhe podiam devassar o interior.

Desta aparente segurança nos aproveitávamos — e abusávamos — Rosalina e eu para tornar cada vez mais íntimas e variadas as diversões à

monotonia do ensino. E era sobretudo a rapariga quem as procurava; sentia-se-lhe bem o desejo de ser iniciada nos segredos do amor, e se eu não a satisfazia era mais para prolongar aquela passagem «platónica», à qual achava encantos inéditos e me fortalecia contra as investidas de Maria Adelaide com a ideia de que era capaz de manter infinitamente uma afeição de carácter puro.

Em suma: dentro do caramanchão afigurava-se-me estar livre de importunos e indiscretos como na mais reservada alcova, oferecendo a vantagem de ser ao ar livre, acessível por todos os lados e portanto pouco suscetível de inspirar suspeitas de que dava abrigo a amores carnais. Acrescia que nem a Sr.^a Quitéria nem a filha mais velha lá apareciam; dir-se-ia um propósito, pois desde que começara a leçãoção nem uma só vez isso sucedera.

XLVIII

Tudo isto era realmente bonito e seguro, mas eu não contava com as surpresas do acaso e a obstinação sagaz de uma criatura ferozmente ciumenta como era Maria Adelaide.

Na varanda da minha casa havia um ponto, mesmo por detrás da chaminé, donde se avistava uma nesga do terraço. Pouco era, mas compreendia parte do caramanchão e a sua entrada, e, visto com um óculo de alcance, muito do que lá ia dentro era perceptível, embora eu tivesse posto a mesa das lições no canto mais abrigado de possíveis investigações. Não suspeitava que tal ponto de observação existisse, mas Maria Adelaide descobriu-o e, mesmo com um simples binóculo de teatro (a distância era de uns quinhentos metros), iniciou uma vigilância que na maior parte dos dias abrangia todo o tempo que eu passava em «S. José». Ora a suposta ausência de risco e certeza da impunidade dava-nos (sobretudo a Rosalina) audácias de grande imprudência, como era o levar o mestre lições inteiras com a discípula sentada nos joelhos, interrompendo-as constantemente para nos beijarmos com fervor.

Não dariam a fraqueza do binóculo e a disposição do terreno lugar a que toda aquela mímica se divisasse claramente da varanda, mas vários movimentos eram perceptíveis e logo completados em imaginação pela zelosa espia, e poucos dias depois de começar a espionagem rebentou a tempestade.

XLIX

Não haveria um quarto de hora que tínhamos começado a lição, com Rosalina no meu colo e um braço à roda do seu pescoço, quando nos chegou o som de vozes altercando lá para os lados da casa do quinteiro que era junto ao portão. E logo passos que distintamente se encaminhavam para o terraço. Mas tínhamos retomado a clássica posição de mestre e discípula, a um canto da mesa, quando nos aparecem, gesticulando e vociferando como possessa, a boa Maria Adelaide e ao lado, não menos excitada, a Sr.^a Quitéria. Pararam à entrada do caramanchão e a Sr.^a Quitéria, aos gritos, agarrando no braço da outra e apontando para a mesa de estudo, repetia:

— Veja... veja lá se há algum mal nisto...

Ali se pegaram de razões, com jeitos de chegarem a vias de facto, supondo eu a cada instante que a isso iriam com desvantagem para Maria Adelaide (o que entregostava com um secreto e vivo prazer). No calor da pugna, entre outras, a Sr.^a Quitéria desfechou-lhe esta frecha envenenada:

— «Repare bem com quem fala; lembre-se de que eu sou uma mulher de respeito, uma mulher casada, e vossemecê não passa de uma mulher amigada...»

Mas Maria Adelaide, de repente, caiu e começou a estrebuchar no chão com convulsões que tinham todo o carácter de ataque epilético.

Acudiram à algazarra os cavadores que trabalhavam na fazenda, segurando-a com dificuldade, sem no entanto evitar que ela ficasse com

o vestido rasgado por todos os lados, até que desmaiou e num carro, que foram buscar à vila, a levaram, sempre sem sentidos, para casa.

Eu fiquei tranquilamente no caramanchão com a minha discípula, que não dava mostras de susto e quis continuar a lição multiplicando beijos e abraços.

L

Quando voltei a casa ainda lá encontrei o médico; o estado da doente parecia-lhe agora muito melindroso porque lhe encontrara o coração fraquíssimo. Devia conservar-se de cama até recuperar algumas forças, e evitar preocupações, cansaços, cuidados e desgostos de qualquer ordem. E chamou particularmente a minha atenção para o capítulo sexual que era forçoso suspender.

Resolvi logo fazer a separação temporária, vindo a casa somente às horas das refeições e confiei a doente aos carinhos exclusivos da família. Tudo isto participei a Maria Adelaide que o ouviu sem nada objetar, silenciosa, de olhos fechados e ar indiferente.

E continuei a lecionar a Rosalina, como se nada houvesse acontecido, mas sempre sob a vigilância das mesmas criaturas, que passavam ou estacionavam na estrada enquanto eu dava a lição.

LI

Entretanto Maria Adelaide depercia a olhos vistos, sem me inspirar sombras de piedade; transfigurou-se completamente e estava horrível. E alguma vez que eu tentava animá-la recebia as minhas festas de muito mau talante, calada e voltando-me as costas. Ela mais de uma vez me «ameaçara» com o suicídio (perspetiva que não me sorria por causa do escândalo) e dir-se-ia que até certo ponto aproveitava o estado a que chegara para voluntariamente deixar este mundo.

Não me causou pois surpresa alguma a declaração que, após duas semanas, o médico me fez de que a julgava perdida, e tão convencido eu estava de que ela não resistiria que comecei a fazer projetos para quando recuperasse a liberdade...

E as lições seguiam cada vez mais longas e cheias de beijos.

LII

Uma noite de maravilhoso luar fui passear até à praia (sempre com a Rosalina no sentido) e deixei-me adormecer deitado na areia, sonhando que a tinha «possuído». Ao acordar, ainda deliciado com os pormenores do sonho, ouvi uma voz que me segredava: «Isso é fatal e há de ser amanhã mesmo...» E decidido a que fosse no dia seguinte sem falta voltei ao povoado alegre e descuidado, gozando o panorama envolvido no luar de prata, e sem que a lembrança de Maria Adelaide me acudisse ao pensamento.

Embora fosse já tarde passei, como de costume, pela botica, onde já não havia ninguém, mas o praticante, apenas ouviu passos, saiu estremunhado do laboratório e reconhecendo-me exclamou:

- Ora ainda bem que é o Senhor, toda a noite que o procuram...»
- «E para quê? Sucedeu alguma novidade?»
- «Morreu a menina Maria Adelaide...»

Corri para casa onde o meu feitor, que me esperava à entrada, confirmou o acontecimento; de resto os gritos e choros que lá iam dentro, e que se ouviam na rua mais ainda o certificavam.

Dadas as instruções ao feitor, para que se ocupasse do enterro da forma que mais satisfizesse a família da defunta, abri a porta e subi precipitadamente a escada, ao alto da qual me esperava a mãe que me participou que Maria Adelaide, já agonizante, manifestara várias vezes o desejo de que fosse eu que lhe fechasse os olhos e esperava que eu nisso consentisse.

Com efeito, Maria Adelaide lá estava estendida na cama, de mãos cruzadas sobre o peito, mas os olhos abertos que eu fechei com certa dificuldade pois as pálpebras tinham enrijecido... Feito isso contemplei-a durante alguns minutos e, caso estupendo, de repente o seu rosto tomou as feições de Rosalina que beijei repetidas vezes e saí...

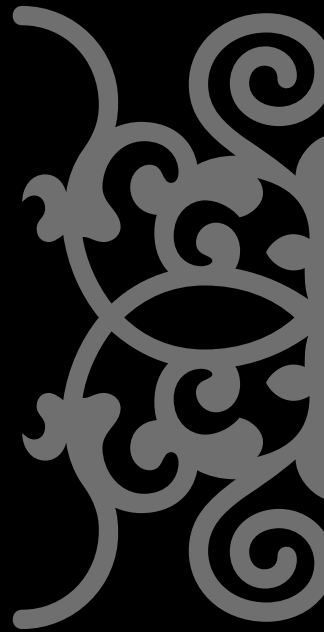
Na rua sentia-me tonto, sem poder discriminar o tumulto de ideias que me ia no cérebro, mas instintivamente fugi do povoado e pus-me a andar sem destino certo pelo campo fora, quando me soou, no subconsciente, a mesma voz de há pouco, murmurando: «— Estás livre; estás livre sem espalhafato nem escândalo. Não foi preciso suicídio; estás livre.»

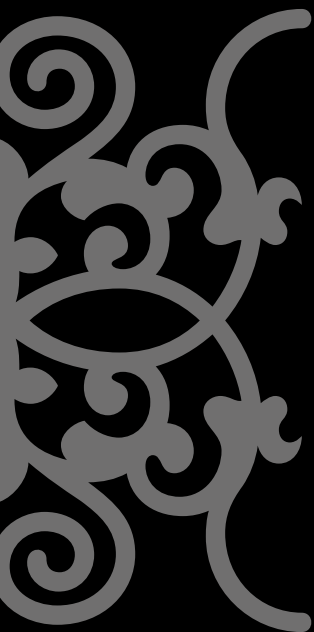
— «Estou livre — repetia em voz alta — e nada se opõe já a que tome posse da Rosalina...»

E com certa vergonha o digo: quase me pus a dançar de contente. Via-lhe a cara como se estivesse ao meu lado, e sentia-lhe, acariciada pelas minhas mãos sôfregas, a carne macia mas elástica do corpo rescendente de mocidade...

Bougie, maio e junho de 1937.







ÍNDICE

PREFÁCIO, <i>por</i> HELENA CARVALHÃO BUESCU	5
---	---

GENTE SINGULAR

D. JOAQUINA EUSTÁQUIA SIMÕES DE ALJEZUR (HISTORIETA QUASE ROMÂNTICA)	17
JOGOS DE BOLSA	33
GENTE SINGULAR	59
ÁLBUM (CONTO GROTESCO)	85
SEDE DE SANGUE	97
POSFÁCIO	113
O TRISTE FIM DO MAJOR TATIBIATE (CONTO SIMBÓLICO)	117
PROFECIA CERTA	129

NOVELAS ERÓTICAS

DEUS <i>EX MACHINA</i>	141
A CIGANA	173
MARGARETA	183
CORDÉLIA	195
?	201
O SÍTIO DA MULHER MORTA	207

MARIA ADELAIDE

I	235
II	237
III	239
IV	241

V	243
VI	245
VII	247
VIII	249
IX	251
X	253
XI	255
XII	257
XIII	259
XIV	261
XV	263
XVI	265
XVII	267
XVIII	271
XIX	273
XX	275
XXI	277
XXII	279
XXIII	281
XXIV	285
XXV	287
XXVI	289
XXVII	291
XXVIII	297
XXIX	299
XXX	301
XXXI	303
XXXII	305
XXXIII	307
XXXIV	309
XXXV	311
XXXVI	313
XXXVII	315
XXXVIII	317
XXXIX	319
XL	321

XLI	323
XLII	325
XLIII	327
XLIV	329
XLV	331
XLVI	333
XLVII	335
XLVIII	337
XLIX	339
L	341
LI	343
LII	345

ANA ROSA

ANA ROSA	351
----------------	-----

OBRAS DE MANUEL TEIXEIRA-GOMES

- Inventário de Junho*, 1.^a ed., Porto, Typographia de A. J. da Silva Teixeira, 1899; 2.^a ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1918; 3.^a ed., ilustrada, Lisboa, Seara Nova, 1933; 4.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1958; 5.^a ed., com prefácio de Urbano Tavares Rodrigues, Lisboa, Bertrand Editora, 1984.
- Cartas sem Moral Nenhuma*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Editora Tavares Cardoso & Irmão, 1903; 2.^a ed., Lisboa, Clássica Editora, 1912; 3.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1934; 4.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 5.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1986.
- Agosto Azul*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1904; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1930; 3.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1958; 4.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1984.
- Sabina Freire*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1905; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1936; 3.^a ed. (com estudo crítico de Carlos Malheiro Dias), Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 4.^a ed., Lisboa Bertrand Editora, 1987.
- Desenhos e Anecdotas de João de Deus — Reprodução de Um Artigo da Revista Arte & Vida para Ser Vendida em Proveito da Associação das Escolas Moveis pelo Methodo João de Deus*, Lisboa, Livraria Classica Editora de A. M. Teixeira, 1907.
- Gente Singular*, 1.^a ed., Lisboa, Livraria Clássica Editora de A. M. Teixeira, 1909; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1931; 3.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1958); 4.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1988.
- Cartas a Columbano*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1932; 2.^a ed. [com três retratos do autor por Columbano], Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1957).
- Regressos*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 2.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 3.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960; 4.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1991.
- Novelas Eróticas*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1935; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1961).
- Miscelânea*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1937; 2.^a ed., vol. I, Lisboa, Portugália Editora, Lisboa, [s. d.] (1959); 3.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1988.
- Maria Adelaide*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1938; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1959); 3.^a ed., Lisboa, Bertrand Editora, 1986; 4.^a ed., Lisboa, Círculo de Leitores, 1986.

- Carnaval Literário*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1939; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Ana Rosa*, Lisboa, Seara Nova, 1941. [«Proémio» de Castelo Branco Chaves, escrito a 22 de outubro de 1941].
- Londres Maravilhosa*, 1.^a ed., Lisboa, Seara Nova, 1942; 2.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, [s. d.] (1960).
- Correspondência I: Cartas para Políticos e Diplomatas*, 1.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Correspondência II: Cartas para Políticos e Diplomatas*, 1.^a ed., Lisboa, Portugália Editora, 1960.
- Sabina Freire, comédie en trois actes*, Carlos Malheiro Dias (préface), Armand Guibert (traduction), Fondation Calouste Gulbenkian, Centre Culturel Portugais, Presses Universitaires de France, 1971.
- Obras Completas I (Inventário de Junho — Cartas sem Moral Nenhuma — Agosto Azul)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Câmara Municipal de Portimão, 2009.
- Obras Completas II (Gente Singular — Novelas Eróticas — Maria Adelaide)*, Lisboa, Imprensa Nacional-Casa da Moeda/Câmara Municipal de Portimão, 2009.



ISBN 978-972-27-2951-2



9 789722 729512